



AÇÃO COMUNITÁRIA
PREPARANDO PESSOAS PARA A VIDA

O Jovem e Seu Projeto de Vida

Metodologia da Ação Comunitária para o desenvolvimento integral do jovem



VERSO CAPA



AÇÃO COMUNITÁRIA
PREPARANDO PESSOAS PARA A VIDA

O Jovem e Seu Projeto de Vida

Metodologia da Ação Comunitária para o desenvolvimento integral do jovem





AÇÃO COMUNITÁRIA
PREPARANDO PESSOAS PARA A VIDA

Oscar Linhares Ferro
Diretor Presidente

Celso Freitas
Superintendente

Deise Sartori
Gerente de Desenvolvimento Social

Milton Alves Santos
Gerente de Programas Socioeducacionais

Maurício Guimarães
**Gerente de Relacionamento
e Mobilização de Recursos**

Josmael Castanho
Gerente Administrativo/Financeiro

**Equipe Técnica do Programa
Preparação para o Trabalho**

Cláudia Barone
Coordenadora

Daniela Nunes
Orientadora Pedagógica

Rubeilde Novaes
Jaqueline Melo
Assistentes de Programa social

Íris Macias
Auxiliar administrativo

Consultoria: Alexandre Isaac, Daniela Provedel, Humberto Dantas, Tony Marlon

Coordenação editorial: Cláudia Barone

Revisão de texto: Flávio Carrança

Jornalista responsável: Flávio Carrança - *MTB nº 12.724*

Ilustração: Rodrigo Bueno

Projeto Gráfico e Diagramação: Liga da Kriação

O Jovem e seu Projeto de Vida:

Metodologia da Ação Comunitária para o Desenvolvimento Integral do Jovem

Este trabalho foi realizado no âmbito do Projeto Geração, com recursos do Fundo Municipal da Criança e do Adolescente (FUMCAD) da Cidade de São Paulo. É permitida a reprodução do texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Parceria e Apoio:



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Angélica Ilacqua CRB-8/7057)

O Jovem e seu Projeto de Vida: Metodologia da Ação Comunitária para o desenvolvimento integral do jovem / Ação Comunitária. São Paulo: Ação Comunitária, 2013.

86 p. : Il.; color.

Bibliografia

ISBN: 978-85-66991-01-7

1. Jovens - Projeto de Vida 2. Cartografia 3. Educomunicação
4. Imaginação Sociológica I. Ação Comunitária

13-0453

CDD 305.23

Índices para catálogo sistemático:

1. Jovens - integração social

Índice

Sobre a Ação Comunitária	9
Prefácio	11
Apresentação	13
Parte I	15
Introdução	15
Métodos de Trabalho: Panorama Geral	20
Primeiro Método: Imaginação Sociológica.....	26
Segundo Método: Cartografia	32
Terceiro Método: Educomunicação	36
Quarto Método: Orientação Profissional	40
Sobre a Atuação de Educadores no Trabalho com Jovens	43
Parte II	45
Oficina: Uma Concepção Político-Pedagógica	45
Oficinas Experimentais.....	47
Parte III	63
Estrutura do Portfólio Projeto de Vida.....	63
Parte IV	73
Expectativas e Demandas do Mundo do Trabalho na Construção do Projeto de Vida.....	73
Parte V	75
Galeria de Fotos: Atividades Realizadas com Jovens	75
Bibliografia	83

Siglas Utilizadas

- » CHA = Conhecimentos, Habilidades e Atitudes
- » CMDCA = Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente
- » FUMCAD = Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente
- » IBGE = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- » NCE/USP = Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo
- » PPT = Programa Preparação para o Trabalho
- » PROCEL = Programa Nacional de Conservação de Energia Elétrica
- » PV = Projeto de Vida
- » UNESCO = Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Sobre a Ação Comunitária

A Ação Comunitária é uma associação civil, sem fins lucrativos, fundada em 1967, que trabalha pela inclusão e proteção social de crianças, adolescentes e jovens de 0 a 29 anos, por meio da educação, cultura, cidadania e empregabilidade.

Localizada na região do Campo Limpo (zona sul da cidade de São Paulo), adotando metodologias replicáveis nos demais estados do país, a Ação Comunitária conta com a parceria de mais de 30 organizações de bairro na implantação de seus diversos programas socioeducativos.

O objetivo destes Programas é desenvolver uma atuação crítica e cidadã junto às crianças, aos adolescentes e jovens, incentivando-os a agir positivamente em suas comunidades, a ir em busca de seus sonhos e a criar suas próprias oportunidades.

- *Primeiras Letras* – Programa para crianças de até 5 anos focado no estímulo oportuno ao desenvolvimento de competências e habilidades para a vida.
- *Crê-Ser* – Programa de educação complementar que atende crianças e adolescentes de 6 a 15 anos no contraturno escolar e tem foco no protagonismo juvenil.
- *Preparação Para o Trabalho* – Programa para adolescentes e jovens de 15 a 21 anos. O foco é a preparação para a vida pessoal, profissional e social, a fim de que o jovem reflita sobre seu Projeto de Vida e desenvolva as competências necessárias à empregabilidade e ao exercício da cidadania.
- *Cursos profissionalizantes* – Para jovens a partir dos 18 anos. Os cursos oferecidos formam garçons, garçonetes e também vendedores de lojas.

Em 2012, foram mais de 10.300 pessoas beneficiadas por nossos programas, considerando educandos, educadores, famílias, líderes e gestores comunitários.

Acesse www.acomunitaria.org.br e saiba como você também pode se envolver na transformação da realidade brasileira.

Prefácio

Wagner A. Santos¹

Nos últimos anos, o Brasil tem implantado importantes políticas públicas voltadas para o enfrentamento das desigualdades sociais ainda presentes na vida de milhões de brasileiros que vivem nas periferias dos grandes centros urbanos. Os movimentos migratórios do centro em direção às periferias têm agravado essa disparidade de forma significativa.

Enquanto no centro, onde há um acentuado decréscimo populacional, se concentram os equipamentos educacionais, serviços sociais e culturais, as periferias que contam com elevadas taxas de crescimento populacional e altos índices de mortalidade por homicídio da população jovem masculina, enfrentam maior prevalência de desemprego e ausência de infraestrutura básica de todos os serviços socioeducacionais necessários à plena formação de crianças e jovens. Todas essas condições resultam na exclusão social de jovens moradores das periferias das grandes cidades.

Torna-se, portanto, evidente que o enfrentamento do conjunto desses problemas socioeconômicos requer que o poder público e o setor privado implementem ações integradas, disponibilizando recursos técnicos e humanos eficazes para promover a melhoria da qualidade de vida e o exercício da cidadania.

A Ação Comunitária vem cumprindo o importante papel de fomentar novas ações formativas e empreendedoras do ponto de vista da inovação, dialogando com as necessidades de um mercado de trabalho cada vez mais exigente em relação à formação profissional.

É com base nessa experiência que coloca à disposição esta publicação, que oferece modelos testados de práticas e metodologias de trabalho destinados a auxiliar o jovem a pensar seu projeto de vida.

Trata-se de um texto que ressalta a necessidade do protagonismo do jovem na construção da sua própria história, ao mesmo tempo em que destaca a juventude como elemento primordial de sustentabilidade, reconhecendo-a enquanto sujeito de ações pautadas na cidadania. É dentro desse espírito que propõe aos jovens criarem e recriarem, a si mesmos e ao mundo.

¹ Cientista Político e membro da equipe do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – CENPEC.

Este trabalho destaca também a necessidade de avaliar práticas e buscar opções didático-pedagógicas de organização interna dos espaços e do tempo, que ensinem valores, atitudes, conceitos e práticas sociais, favorecendo o desenvolvimento da autonomia, do aprendizado, da cooperação e da participação social, para que os jovens se percebam como cidadãos.

Para o atendimento pleno dos objetivos desta proposta, são colocadas, como elementos metodológicos fundamentais, a orientação e a capacitação contínua dos profissionais envolvidos na formação dos jovens.

As dicas propostas para as ações dos educadores têm como objetivo a intervenção na realidade presente com base em valores reais.

Recomendo este texto principalmente por conta do seu caráter democrático e inovador, por estabelecer um processo de formação e informação de cidadãs e cidadãos e também oferecer práticas e metodologias que dialogam com os quatro pilares recomendados pela UNESCO para a educação do século XXI: Aprendendo a aprender, Aprendendo a ser, Aprendendo a fazer e Aprendendo a viver junto.

Boa leitura!

Apresentação

*Deise Sartori*²

Esta publicação é resultado da execução do Projeto Geração, submetido ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) em 2011, aprovado e executado no biênio 2012/2013 com recursos do Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente da Prefeitura da Cidade de São Paulo (FUMCAD).

Uma reflexão que nos inspira a realizar esse trabalho está na obra do Prof. Antonio Carlos Gomes da Costa:

“Para encontrar os outros, o educando precisa encontrar-se consigo mesmo; para encontrar-se consigo mesmo o educando precisa ser compreendido e aceito; ele se sentindo compreendido e aceito ele vai aumentar sua autoestima, seu autoconceito e sua autoconfiança, porque ele vai ter a sensação de que tem valor para alguém; se ele tiver a sensação de que tem valor para alguém e de que é compreendido e aceito, ele vai olhar o futuro sem medo; se ele olhar o futuro sem medo, ele será capaz de plasmar, de construir um projeto de vida; se ele constrói um projeto de vida, sua vida passa a ter um sentido; se a vida passa a ter um sentido, ele começa a ver com outros olhos os estudos, a obediência, a profissionalização, o seguimento das regras, o tratamento com as pessoas, etc. Tudo isso se modifica na sua vida. Isso é a Pedagogia da Presença. (Costa, 2001)

No ano 2000 a Ação Comunitária colocou o público jovem no centro da sua missão e, desde essa época, isso vem sendo aprimorado numa proposta que tem como foco desenvolver competências pessoais, relacionais, produtivas e cognitivas que contribuam para a inclusão social de jovens pertencentes a famílias em situação de vulnerabilidade social. Neste percurso, previmos a participação de todos os envolvidos e realizamos uma série de consultas no sentido de encontrar as melhores práticas para o alcance de nossos objetivos. Destacamos uma atividade projetada e construída por nossa equipe técnica, educadores, especialistas e gestores: o Projeto de Vida (PV).

Quando introduzimos o PV em nosso programa para jovens - *Programa Preparação para o Trabalho (PPT)* - visitávamos as organizações sociais parceiras onde ele era executado e percebíamos sua importância quando víamos as produções dos educandos,

² Pedagoga e gerente do departamento de Desenvolvimento Social da Ação Comunitária.

que revelavam o resultado de um trabalho focado na construção de uma perspectiva de futuro. Nos rostos dos jovens que terminavam o percurso formativo estavam refletidas a esperança, confiança e a coragem para empreender mudanças. Mas queríamos mais: nossa intenção era aprofundar a busca e encontrar uma metodologia que oferecesse respostas às nossas inquietações: Que tipo de jovem queremos formar? Para que tipo de sociedade? Qual o significado da inclusão social do jovem pertencente às camadas populares?

Essas reflexões amadureceram à medida em que fomos encontrando alguns caminhos estratégicos, que ao longo de oito anos se configuraram como um fio condutor do Programa Preparação para o Trabalho, que aqui apresentamos, sem a pretensão de torná-lo uma receita a ser seguida, mas como exemplo de solução que amplia as práticas da educação do jovem para a vida produtiva.

PARTE I

Introdução

“A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”

(Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Artigo 2º)

Com o intuito de buscar caminhos que contribuam para a inclusão social de jovens, a Ação Comunitária investe de forma sistemática na criação de metodologias que atendam tal propósito. Por meio da formação continuada de educadores e da parceria com lideranças comunitárias, coloca em prática o conhecimento e a experiência acumulados, aprimorando cotidianamente sua operação e sua prática educativa. Propõe um “jeito” de fazer, ou seja, uma maneira singular e organizada de realizar intervenções no mundo por meio de ações que promovam um novo olhar para a sociedade, seguido de atitudes voltadas para o bem comum.

Coerente com esta lógica, uma das principais linhas de trabalho da organização se expressa na descoberta de práticas que contribuam para fazer evoluir a cidadania em um contexto de desenvolvimento integral, tendo os jovens como um dos públicos principais.

Considerando que a cidadania é compreendida ao longo da vida e construída a partir do convívio entre as pessoas nas ações em prol da manutenção e do desenvolvimento da sociedade, educar para seu exercício é preparar para uma convivência democrática e de qualidade. Assim sendo, pode-se dizer que um dos focos principais das metodologias de trabalho da Ação Comunitária é o investimento na melhoria das competências relacionais, ou seja, na capacidade de conviver com o outro, amparada por valores democráticos como, por exemplo, igualdade, liberdade, solidariedade, participação e diversidade.

À medida que os jovens desenvolvem diferentes competências e habilidades, mudam suas formas de se relacionar com as pessoas e com o mundo e se posicionam de maneira mais democrática frente às questões sociais. Aprender o sentido e o exercício do convívio social, em qualquer âmbito, é a base para a construção de valores comprometidos com o bem comum, necessários ao exercício da cidadania. Tal desenvolvimento contribui para a vida pessoal, social e profissional destas pessoas.

No que diz respeito à vida profissional, pode-se dizer que a preparação para o mundo do trabalho está diretamente relacionada com a formação para a cidadania. Reconhecer direitos e responsabilidades, desenvolver capacidades, fazer escolhas e tomar decisões são demandas colocadas constantemente pelo mundo do trabalho e de suas relações. Desenvolver ações com os jovens para que compreendam a relação entre trabalho e cidadania é fundamental para a construção de suas identidades, ainda mais considerando que se encontram em fase de desenvolvimento e muito próximos da experiência do primeiro emprego.

Partir do investimento nas aprendizagens básicas para a convivência, compreendê-las a partir da leitura que os jovens fazem (e aprendem a fazer) de si mesmos, de seus valores e da realidade que os cerca, contribui para a construção de suas identidades. Nessa perspectiva, desde 2004, a Ação Comunitária propõe a metodologia do Projeto de Vida, para que os jovens reflitam sobre a realidade em que vivem, façam uma análise de contexto e planejem ações futuras pautadas em princípios éticos e de cidadania. Por meio da análise de contexto, desenvolvem autoconhecimento para a construção do Projeto de Vida.

A proposta desta metodologia é explorar diferentes aspectos (familiar, educacional, profissional e social) da vida do jovem, para que ele possa fazer escolhas considerando o contexto social e sua história. Por meio de perguntas e exercícios que provoquem a reflexão, esses aspectos são problematizados e correlacionados em três tempos: Passado, Presente e Futuro. Seguem exemplos das possíveis indagações, especialmente sobre a vida social: **Passado** - Como eram as formas de me relacionar na vida social antes de participar de experiências em projetos formativos? Que tipo de posicionamento eu tinha diante de algumas questões sociais? Quais eram meus desejos de inserção profissional? **Presente** - Como se dão as minhas relações sociais? Como tem sido vivenciar os métodos durante a formação? Meus posicionamentos diante das questões sociais têm mudado? Tenho olhado para o mundo do trabalho de uma forma diferente? Como exercito a cidadania por meio do trabalho? **Futuro** - Como eu gostaria que fosse minha vida em sociedade? O que espero para minha escola? E para minha comunidade?.

Durante o processo formativo, os jovens montam um portfólio com as atividades que foram desenvolvidas. O processo de reflexão é assim materializado para que haja uma percepção concreta do trabalho desenvolvido. Em relação à vida social, o jovem

é incentivado e provocado a pensar em situações coletivas e experiências que façam parte do seu cotidiano e estejam diretamente relacionadas aos seus interesses individuais. Num segundo momento, ele é levado a observar contextos sociais mais amplos e a investigar a relação destes com sua vida e escolhas. Desta forma, os jovens podem atribuir sentido às experiências formativas, aumentando as chances de sentirem-se comprometidos com a coletividade, promovendo uma construção crítica e consistente de seus Projetos de Vida.

Eixo norteador do processo formativo, o *Projeto de Vida* é amparado por métodos que facilitam o processo de reflexão, investigação e proposição do educando. Para esta publicação, a despeito de tantos outros existentes, quatro métodos foram escolhidos: *Imaginação Sociológica*, *Cartografia*, *Educomunicação* e *Orientação Profissional*. Cada um deles é sustentado por um conjunto de ideias e concepções que se relacionam ao modo como a Ação Comunitária concebe a relação ensino-aprendizagem. Tais métodos se correlacionam e se complementam, propondo intervenções no mundo por meio de ações que promovam um novo olhar para a sociedade, seguido de atitudes voltadas para o bem da coletividade.

Durante a construção do *Projeto de Vida*, os educadores criam situações, provocam e encorajam o jovem a olhar para si e para o mundo, para que se depare com questões que o façam refletir. Desta forma, sua identidade vai sendo ressignificada por meio de reflexões existenciais como, por exemplo: Quem sou eu? Qual o sentido da vida? O que penso do meu corpo? Como vou me sustentar? No que vou trabalhar? A partir desta lógica, outros temas também são abordados, como por exemplo, drogas, sexualidade, consumo, família, entre outros. Como já foi dito, “*É justamente nesse período que o jovem tenta construir, na relação com outros jovens e adultos, sua nova forma de ser e de se perceber no mundo. Ao longo da construção dessa nova identidade, por mais que não pareça, os jovens estão muito atentos aos adultos que os cercam, selecionando aspectos de que não gostam e outros que lhes agradam, fazendo oposições, rejeitando ou ainda concordando. Ainda no processo de constituição e significação da identidade os adolescentes e jovens lançam mão de diversas e intensas experiências – pensamentos, palavras e ações*” (Isaac, 2005: 15).

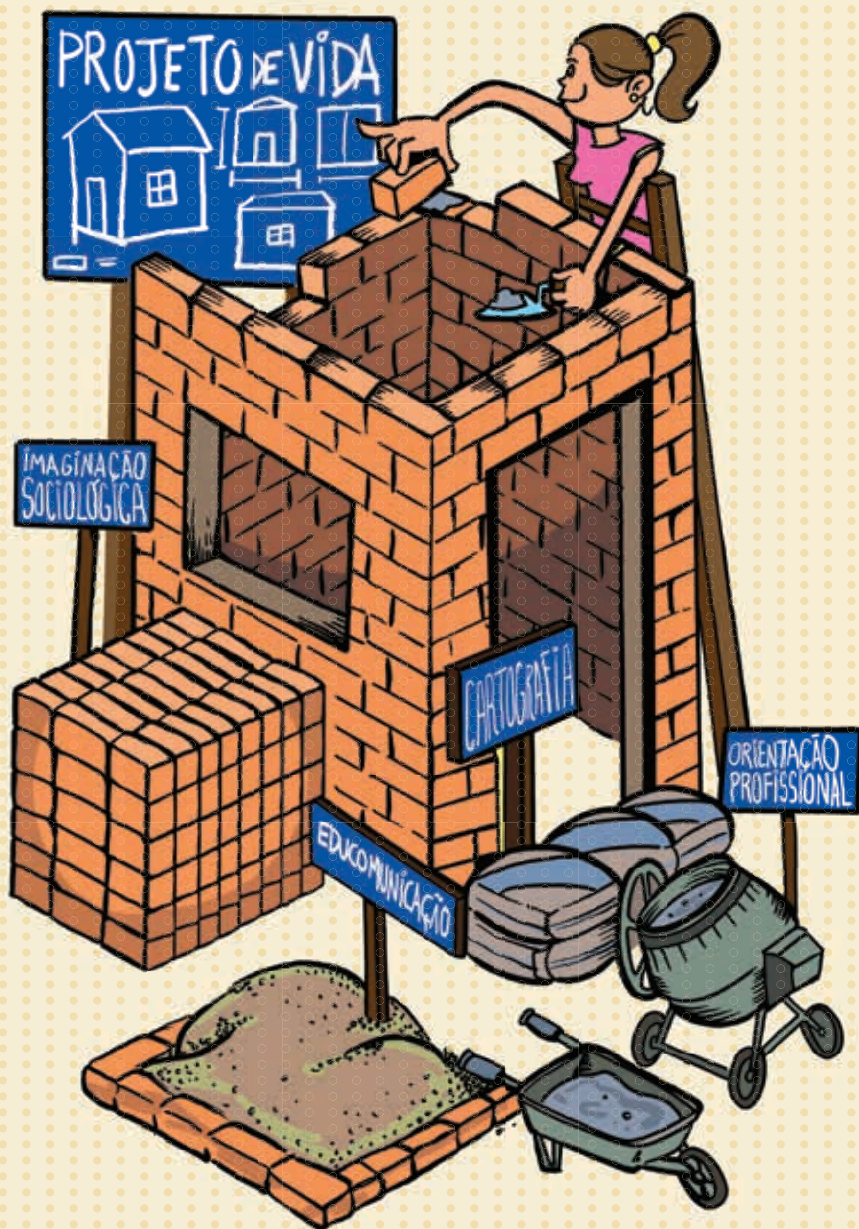
A formação da *identidade* é um processo dinâmico, que resulta da assimilação e rejeição das identificações sofridas ao longo da vida, assim como das interações entre o desenvolvimento pessoal e as influências sociais. Nesse contexto, ajudar o jovem a

avaliar o vínculo com o outro é muito importante. Sua *identidade* e escolhas sempre se relacionam com os outros, reais e imaginários. Suas escolhas sobre “trabalho”, por exemplo, sempre se baseiam em relações interpessoais passadas, presentes e futuras.

A formulação de um *Projeto de Vida*, seja por uma via consciente ou inconsciente, faz parte e também é resultado do processo da formação da personalidade e da *identidade* do jovem. Para um adolescente, planejar e definir seu futuro não implica somente definir o que fazer, mas, fundamentalmente, escolher quem ser e, ao mesmo tempo, quem não ser. Em seu trabalho a Ação Comunitária quer ajudar o jovem a pensar sobre essas definições, torná-las conscientes e desnaturalizá-las, ou seja, relacioná-las a contextos culturalmente construídos. Em outras palavras, pretende ajudá-los a perceber que os padrões criados pela sociedade não são naturais e podem se modificar (e ser modificados) ao longo do tempo.

Cabe ressaltar que a metodologia proposta é desenvolvida com os jovens atendidos pelos Programas Socioeducacionais da Ação Comunitária a cada semestre. Isso significa que a instituição realiza um trabalho condicionado às limitações de tempo, o que singulariza seus resultados, mesmo que positivos. Logo, os métodos apresentados podem ser adequados e explorados de acordo com o contexto de cada organização que pretenda utilizá-los. Por outro lado, esse trabalho aponta caminhos possíveis e propõe reflexões, que podem contribuir para que educadores de diferentes projetos encontrem soluções para seus desafios e enriqueçam suas ações com os educandos.

Panorama Geral



Métodos de trabalho

Panorama Geral

O eixo central de todo esse trabalho é o “*Projeto de Vida*” e as diferentes metodologias que se inter-relacionam ao longo dos encontros formativos com os jovens. Não se trata de ensinar ou tão pouco citar a existência dessas metodologias para os jovens, mas de se apropriar delas para oferecer aos educandos reais possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem. Vale lembrar que a utilização desses métodos não é feita de maneira sequencial. Não existe uma ordem, mas sim uma interação, que é a forma de organizarmos ações consistentes sob a orientação de correntes metodológicas.

O **primeiro método** utilizado chama-se *Imaginação Sociológica* e foi construído a partir do pensamento sociológico, no qual parte expressiva das situações e acontecimentos individuais está relacionada a um determinado contexto social e histórico. Ele propõe que o indivíduo compreenda sua vida a partir da análise dos contextos sociais e históricos.

Por meio desse método, os jovens podem realizar leituras da realidade, atribuindo sentidos mais amplos a contextos, relações e fenômenos sociais, compondo uma visão realista do mundo à sua volta.

Na medida em que se identificam nos contextos sociais, os jovens passam a compreender seus papéis como participantes responsáveis e não como meros observadores ou vítimas da estrutura social. Mais ainda: começam a perceber que seus valores não são absolutamente naturais e que foram construídos ao longo do tempo, influenciados por diferentes conjunturas. Também aprendem a perceber que valores podem mudar ou ser abandonados por causa de transformações históricas e sociais. Assim, os modos de convívio adotados pelas pessoas, fundamentais para o exercício da cidadania, se dão em contextos históricos próprios.

No momento em que os jovens compreendem que seus comportamentos não são apenas expressões individuais, mas fruto de mediações associadas a contextos sociais mais amplos, aumenta a probabilidade de que se percebam como corresponsáveis pelo bem comum. Logo, as ações voltadas para a promoção da cidadania e para a construção da vida social também são favorecidas.

O **segundo método** a ser envolvido nessa construção do *Projeto de Vida* é a *Cartografia*. Ela propõe uma investigação do território a partir dos recursos e talentos locais. Os jovens produtores das cartografias são considerados pesquisadores e, ao mesmo tempo, recursos ativos do território cartografado.

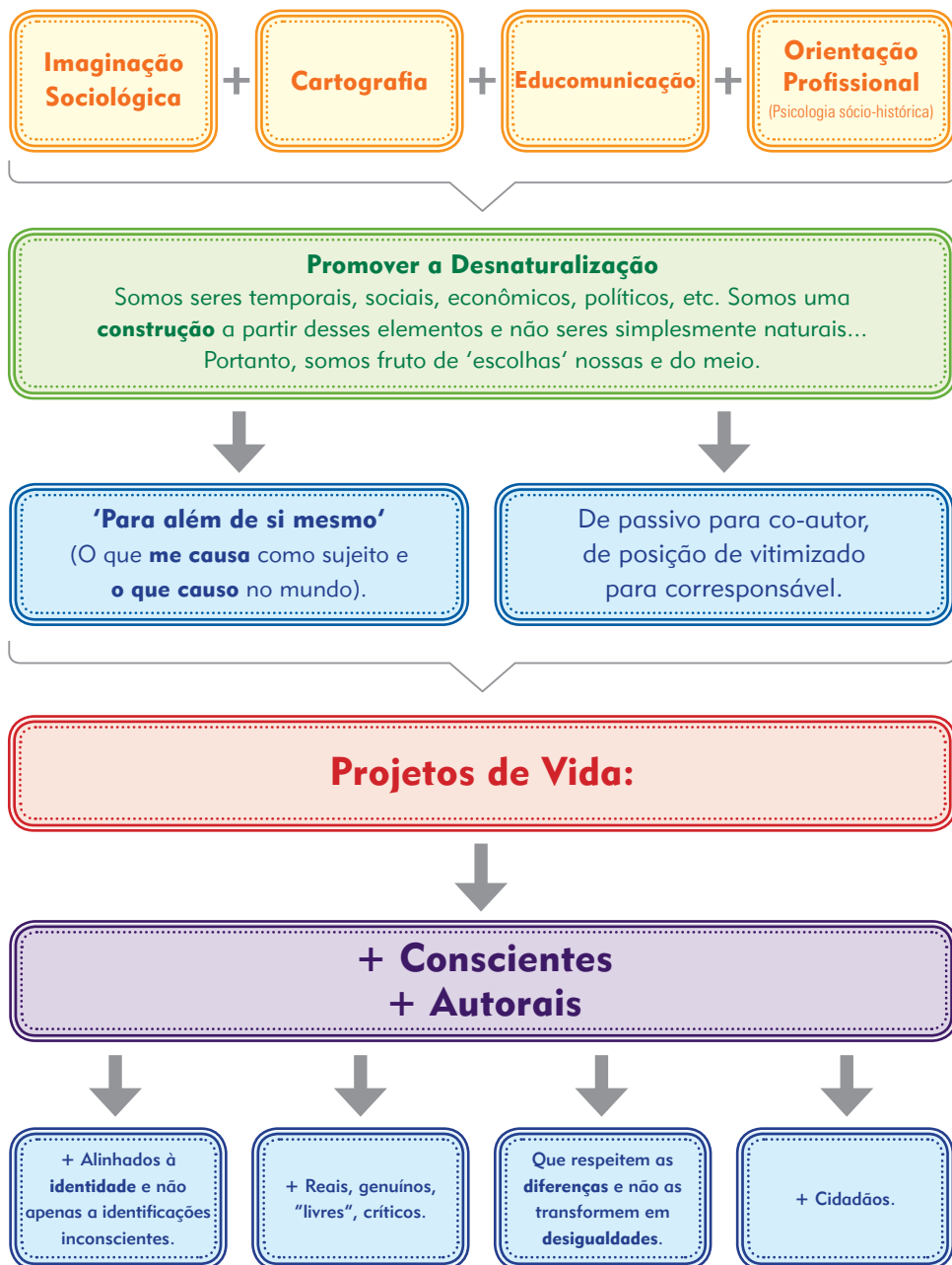
A *Cartografia* permite se apropriar da cultura local, reconhecendo a diversidade com que os espaços são ocupados e geridos, possibilitando aos ‘jovens pesquisadores’ que reflitam sobre suas práticas, alterando as próprias maneiras de ver, sentir, pensar e perceber seu entorno e o mundo.

Aqui é preciso associar a *Cartografia* à *Imaginação Sociológica*, pois a ideia é fazer com que os jovens observem seu bairro, compreendendo-o a partir de sua história e relacionando-o com um contexto social mais amplo. Durante a observação, o jovem é estimulado a refletir sobre seus valores e atitudes, podendo ao longo do processo mudar suas formas de interação com as outras pessoas, com a vizinhança e, conseqüentemente, com a sociedade em geral. De maneira complementar, os dois métodos têm potencial para elevar a capacidade do jovem olhar em volta e perceber criticamente o mundo.

O **terceiro método** será desenvolvido a partir da concepção da *Educomunicação*, aqui compreendida como meio para garantir o direito à informação e como instigação à leitura crítica dos meios de comunicação. Esse método está correlacionado às duas ferramentas anteriores, à medida em que a análise parte do contexto individual para o coletivo. Em outras palavras: num primeiro momento, os jovens devem se enxergar como consumidores críticos dos objetos culturais divulgados na mídia, para posteriormente relacioná-los com os contextos sociais e com as relações de poder. Por meio do permanente exercício da criticidade, é preciso mostrar aos jovens os diversos caminhos de acesso à informação e auxiliá-los na interpretação do que é divulgado. Ao aprender a desvendar distintas realidades, o jovem começa a perceber o quanto sua vida e seus valores são influenciados e capturados para a produção e a reprodução das desigualdades. Desta forma, tem a possibilidade de rever valores, padrões de consumo e comportamentos, o que pode propiciar o surgimento as formas de convívio fundamentais ao exercício da cidadania.

O **quarto método** tem como fundamento a *Orientação Profissional*, que na perspectiva contemporânea vai muito além da escolha de uma carreira: é um processo mais sólido de organização de um projeto de vida, construção da identidade pessoal e profissional e de busca por uma inserção consciente na sociedade e no mundo do trabalho. Trata-se de possibilitar aos jovens experiências e reflexões que os tornem conscientes dos parâmetros subjetivos, sociais e econômicos que influenciam suas escolhas, a fim de que possam alinhar seus caminhos profissionais a seus projetos de vida de modo mais crítico, mais consciente, amplo e socialmente responsável.

Mapa da proposta pedagógica:



Este mapa ilustra os pontos de convergência e o entrelaçamento dos quatro métodos. Apesar de suas particularidades e especificidades, os métodos promovem um movimento em comum: a desnaturalização. Ao desnaturalizar a situação do jovem e do mundo onde ele vive, cada método aponta para a construção, temporalidade e sobre determinação presentes na elaboração de identidades e projetos de vida.

Ao perceber-se como um sobredeterminado e como fruto de um processo dialético entre seu próprio desejo e as condições de seu meio e de sua época, o jovem deverá sentir-se capaz de construir seu projeto de vida de modo mais autoral e criativo e não apenas responder passivamente às expectativas da mídia de massa ou enquadrar-se de modo fatalista e vitimizado nas suas limitações pessoais ou sociais. Poderá criar projetos em que respeite sua identidade e que não sejam simples repetições, identificações inconscientes com personagens ou modelos de seu meio.

Desse modo, suas escolhas e projetos tornam-se mais genuínos, críticos e contextualizados, privilegiando a singularidade, mas também considerando aspectos coletivos, como resultado do desenvolvimento de um olhar cidadão.

A Imaginação Sociológica



PRIMEIRO MÉTODO

A Imaginação Sociológica

“Usar a imaginação sociológica, conceito de Charles W. Mills, nos permite compreender que somos capazes de enxergar além. Além do mundo em que vivemos e que por vezes nos limita tanto. Além das realidades que nos sufocam. Utilizar a imaginação sociológica como método nos possibilita formar cidadãos mais comprometidos com o amplo. Amplidão que deve ser pensada em termos conjunturais, e em termos históricos.” (Dantas & Martins Jr.)

O que representa formar jovens? Prepará-los para o mercado de trabalho, ofertando a “primeira oportunidade de salário e vida digna”? Elevar as suas chances de rendimento? Afastá-los da vulnerabilidade? Qualificar a mão de obra do país? Se todas as respostas às perguntas acima forem positivas, estaremos diante de um desafio expressivo.

Mas como justificar uma distância significativa entre a “simples” qualificação profissional e a construção da cidadania? Como afastar a formação técnica do compromisso social das empresas? Tais perguntas equivalem a dizer que, se por um lado, carecemos de profissionais prontos para o exercício estritamente formal de uma atividade laboral, por outro, vemos conjuntos expressivos de organizações privadas aprimorando seus compromissos com a sociedade, por meio de ações as mais diversas reunidas sob o jargão “Reponsabilidade Social”.

Nesse sentido, formar para a Cidadania e para a Democracia, buscando o desenvolvimento de princípios como igualdade, liberdade, solidariedade, diversidade, participação e tolerância configura-se como uma resposta às demandas igualmente relevantes para desenvolvimento de um país justo, que supere as desigualdades oriundas da má distribuição de renda e acabe com as opressões decorrentes dos preconceitos. Daí o objetivo de pensarmos em formas capazes de levar os jovens para o convívio respaldado por valores que devem ser construídos conjuntamente.

Para responder aos desafios apresentados, devemos considerar a existência de diferentes métodos em distintas ciências. Na sociologia, o conjunto de conceitos e métodos para compreensão do real é expressivo. E é no método do norte-americano Charles W. Mills que encontramos um caminho fértil, sobretudo se considerarmos que o trabalho aqui proposto guarda relação com conceitos, métodos e ciências que

objetivam decifrar problemas próprios da juventude. Falamos especificamente de algo que Mills (1959) escreveu no final da década de 50 do século passado. Trata-se de seu conceito de *Imaginação Sociológica*.

Se o jovem, por exemplo, precisa descrever sua trajetória e, a partir desse esforço, desenhar o seu *Projeto de Vida*, parece necessário que compreenda a complexidade do mundo em que vive. Se ele utiliza a cartografia para desenhar seu universo e a educomunicação para expressar criticamente sua realidade, tal exercício, feito com consciência, parece ser capaz de gerar resultados mais condizentes com a realização das expectativas e investimentos mobilizados no processo.

A *Imaginação Sociológica* é, assim, um instrumento capaz de lidar com o despertar da consciência, e servir de base para o desenvolvimento de atividades construtivas. O método é indicado por Mills logo no primeiro capítulo da obra *A Imaginação Sociológica*, intitulado “A Promessa”. O texto apresenta o processo pelo qual os indivíduos adquirem uma nova visão de mundo por meio da capacidade de olhar “além da pequena e restrita realidade que os cerca” (Mills, 1982)

Em plena década de 50, ele descreve algo que qualquer cidadão ainda sente nos dias de hoje: no cotidiano, temos dificuldades para superar nossas preocupações e nutrimos sentimentos de aflição sobre questões privadas, como o emprego, família, vizinhos, etc. Assim, nos amedrontamos ou nos sentimos pequenos, porque não temos capacidade e preparo para compreender a complexidade da organização social e nem mesmo o que sentimos. Dessa forma, muito além da percepção de que estamos “encurralados em nossos cotidianos”, devemos compreender que existem aspectos impessoais e fatores objetivos na estrutura das sociedades em que vivemos. Tais questões podem determinar o que sentimos. É nesse sentido que precisamos compreender que somos influenciados por aspectos que transcendem nosso cotidiano e que o impactam acentuadamente.

Assim, para decodificar os fatores objetivos que influenciam nossas vidas, a *Imaginação Sociológica* confere importância à necessidade da constituição de uma percepção histórica do mundo em que vivemos. Segundo esse entendimento, “nada acontece por acaso: nossa realidade é o resultado de uma série de desdobramentos históricos e está relacionada com escolhas que fazemos com maior ou menor grau de consciência”. (Mills, 1982)

A *Imaginação Sociológica* é uma ferramenta que possibilita a percepção das conjunturas e é capaz de oferecer maior grau de consciência aos jovens, permitindo que

constituam uma ampla visão da realidade. Tal compreensão pode aliviar a sensação de aprisionamento individual que por vezes notamos em nossas vidas.

O uso da *Imaginação Sociológica* seria assim capaz de ampliar tanto a possibilidade de compreender a vida social quanto a busca por alternativas superadoras. As percepções se tornam mais aguçadas. E em se tratando do *Projeto de Vida*, as escolhas profissionais podem ser mais apropriadas, ou seja, realizadas a partir da combinação entre desejos e autoconhecimento, com tomadas de decisão contextualizadas. A compreensão dos contextos familiares e do entorno ficaria mais clara por meio da análise do passado. O rapaz e a moça que sonham em ser docentes, por exemplo, poderiam notar a importância das inovações tecnológicas para o campo da educação. *A Imaginação Sociológica* aponta para a necessidade de oferecer aos jovens a possibilidade de uma compreensão mais ampla acerca da sociedade. E aqui não existe segredo ou magia: estamos falando em desvelar tendências e contextos para uma leitura mais acurada das probabilidades futuras. O que muitos poderiam chamar de criação de visionários, para a sociologia é aprimoramento técnico de uma habilidade de leitura de mundo.

Assim, para a construção de um *Projeto de Vida* mais consistente e consciente nos parece fundamental a capacitação desses jovens para melhor compreenderem a “si mesmos, seus valores e a realidade que os cerca” (Mills, 1982). E os métodos propostos se mostram capazes de reduzir distorções e afastá-los dos pensamentos característicos do senso comum, que reduzem a possibilidade de compreensão da vida social e criam obstáculos para significativas parcelas da juventude.

Se em termos individuais aprimoramos a leitura de mundo, é essencial que trabalhem também em termos coletivos, para que se fortaleçam valores inerentes a uma sociedade, como por exemplo a consolidação da Democracia e da Cidadania. Theodor H. Marshall (1967) afirma que o conceito de Cidadania está diretamente relacionado à construção coletiva de uma consciência acerca do que representa viver em sociedade e agir sobre a realidade compartilhada. *A Imaginação Sociológica* ou, se preferirmos, a capacidade de um olhar mais consistente e crítico sobre a realidade, poderia elevar a consciência dos jovens para que compreendam melhor o momento histórico em que vivem no que diz respeito, por exemplo, à Cidadania.

Perguntemos então para os jovens o que acham da política e teremos como possível resposta: “Trata-se de algo sujo e dela é preciso manter distância”. Questionemos o que entendem por classe política, e teremos como possível resposta: “Trata-se de um bando de corruptos que prejudicam o cidadão”.

Se parte da juventude tem essas representações sobre a política, a *Imaginação Sociológica* pode ser capaz de lhes mostrar “uma leitura da realidade, atribuindo sentido a contextos e fenômenos que aparentemente não têm nenhuma relação com sua vida” (Mills, 1959) Auxiliá-los a compreender o quanto seus gestos, escolhas e alternativas de vida se relacionam aos contextos políticos que ilustram em seus desejos de afastamento e descrédito é um exemplo da tomada de consciência que desejamos. A responsabilidade sobre a construção de um *Projeto de Vida* passa pela compreensão acerca das probabilidades e da responsabilidade sobre a efetivação das vontades.

Desejamos assim estimular a construção de *Projetos de Vida* inseridos em percepções de contextos mais amplos da sociedade. Sem partidarismos ou defesas apaixonadas de ideologias. O intuito maior é celebrar a “promessa” de Mills, ou seja: pensar na formação de agentes capazes de se sentirem responsáveis pelo meio em que vivem, utilizando para tanto uma capacidade extraordinária de compreensão conjuntural e histórica para a leitura daquilo que desejam.

A Cartografia



SEGUNDO MÉTODO

A Cartografia

A cartografia aqui proposta é percebida como um método para compreender e intervir no mundo por meio da criação de mapas objetivos e subjetivos

(Alexandre Isaac)

O termo cartografia remete às rotas de navegação, ao ato de se lançar rumo ao desconhecido, seguindo um sonho, um interesse, um desafio. Remete-nos assim ao que fizeram os grandes navegadores do século XVI, que criaram novas rotas e mapas para prospectarem territórios inexplorados. Ao ser apropriada pela Geografia, Psicologia Social e pela Educação, a *Cartografia* nos conduz à ideia de modos de conhecer e compreender o mundo.

A *Cartografia* não pode ser vista apenas como uma espécie de “chave” para o conhecimento e a compreensão da realidade, mas sim como um meio de transformação social. Seu uso nos possibilita o acesso ao conhecimento e à compreensão do mundo, bem como estabelece um modo de agir sobre ele para superar as violências e as desigualdades sociais. Como método, ela propõe que o educando desenvolva um olhar investigativo (“fazedor de perguntas”), assumindo o papel de cartógrafo, ou seja, de pesquisador de sua comunidade e da sociedade em geral. Por meio da análise da realidade que o cerca, o jovem poderá refletir sobre situações e fenômenos, considerando-os na construção do seu Projeto de Vida.

Princípios de uma investigação cartográfica:

- O cartógrafo pretende captar a vida onde ela está acontecendo, nas pessoas e nos grupos com os quais se trabalha. Ele é um investigador das relações no território. Busca conhecer e compreender o conjunto de elementos que interferem na formação e no desenvolvimento das pessoas e das comunidades. Precisa se mostrar interessado, curioso e aberto para perceber a vida, o movimento que ‘pulsa’ nos mais diversos territórios, nos grupos e nas comunidades, apreendendo, junto com os jovens e demais atores sociais, as possibilidades de transformação.
- A investigação cartográfica opera sobre o real mas também sobre as subjetividades, recorrendo às lembranças, desejos e memórias das pessoas e das comunidades. Acredita-se que esse tipo de investigação é capaz de despertar uma nova vontade de agir, de construir novas realidades e de oferecer sentidos às experiências subjetivas e comunitárias.

- O cartógrafo se detém sobre os movimentos dos territórios, buscando apreender e dar visibilidade aos potenciais das comunidades e não somente às suas fragilidades e vulnerabilidades. O pesquisador tem como princípio que qualquer pessoa da comunidade possui habilidades, experiências e qualidades que podem contribuir para e com o bem comum. Nesse sentido, o cartógrafo procura reconhecer as capacidades das pessoas, dos grupos, das comunidades, dos lugares e das culturas, buscando minimizar suas dificuldades. Trata-se da tentativa de reverter situações em que fraquezas criam efeitos de imobilidade, dando lugar a potencialidades capazes de produzir transformações de interesse coletivo.

Assim, alguns lugares considerados de risco, de alta vulnerabilidade e de profundas exclusões sociais, não serão compreendidos exclusivamente como territórios marcados por fragilidades, carências e pontos fracos. Nessas comunidades existem pessoas capazes de desenvolver processos altamente inteligentes, detentoras de grande criticidade e criatividade.

Outro ponto importante: quando falamos de cartografia, especialmente nas áreas educacionais e sociais, notamos que ela se apresenta por meio da adoção do “trabalho por projetos” (Fundação Sicredi, 2008:16). A *Cartografia* pode dar sentido aos trabalhos por projetos na medida em que propõe diálogos e combinações entre experiências, interesses, desejos e saberes dos educandos e as suas reais possibilidades de criar, inventar e intervir nos territórios e comunidades.

O trabalho com projetos se baseia numa concepção de aprendizagem segundo a qual aprender não é memorizar ou acumular informações, e ensinar não é repassar conteúdos prontos. A aprendizagem é um processo dinâmico que ocorre por meio das relações que estabelecemos em nossas vidas com os diferentes sujeitos, espaços, objetos de interesse e conhecimentos.

Trabalhar com projetos é optar por uma estratégia que possibilite construir os conhecimentos por meio da ação, isto é, aprender fazendo. Essa é uma característica intrínseca da *Cartografia*, que depende então do envolvimento de educadores e educandos igualmente comprometidos com a busca de conhecimentos que tenham sentido e significado para todos.

Nas organizações socioeducativas, o trabalho com projetos contribui para romper a fragmentação dos conhecimentos e o isolamento entre as pessoas, promovendo “pontes” e diálogos que permitem constituir saberes significativos, estabelecendo relações entre diferentes campos do conhecimento.

Para que a aprendizagem mobilize os educandos, ela tem que fazer sentido em suas vidas e atender desejos de compreensão, de realização pessoal e social. Por isso, qualquer aprendizagem deve estar articulada com a vida dos jovens e da comunidade em que vivem. É nesse ponto que a *Cartografia* ganha importância e relevância. É um esforço permanente de conferir sentido aos conhecimentos.

Educadores e educandos escolhem, selecionam, promovem experiências de construção de conhecimentos, selecionam estratégias, definem responsabilidades, estabelecem cronogramas de ação e constroem metas comuns. A ação prioriza o diálogo, a troca de saberes, a expressão de dúvidas, a solução de conflitos e a valorização das diferenças, promovendo a apropriação e a ampliação de conceitos, atitudes, valores e competências pessoais e sociais. Em conjunto, os atores sociais refletem, tomam decisões, pesquisam, coletam, sistematizam dados, discutem e tiram conclusões, aprimorando capacidades como ouvir, propor, argumentar, contra-argumentar, estabelecer prioridades, planejar e avaliar ações coletivas.

Aliados aos processos cartográficos, os projetos possibilitam transformar os espaços socioeducativos em campos abertos para a construção dos saberes, valorizando a curiosidade e a satisfação dos mais variados desejos de conhecer. O resultado do desenvolvimento dos projetos é a promoção das aprendizagens e da autonomia necessárias para sua realização, isto é, os projetos possibilitam construir formas pessoais e coletivas de aprendizagem, que poderão ser aperfeiçoadas a cada nova experiência compartilhada.

A Educomunicação



TERCEIRO MÉTODO

A Educomunicação:

“Na educomunicação, entendemos o processo comunicativo como um direito humano”

(Ismar de Oliveira Soares)

Durante certo tempo, a *Educomunicação* foi vista e analisada apenas como caminho para a construção de senso crítico frente aos meios de comunicação de massa. Sua prática era pensada, desenhada e aplicada com a finalidade de gerar reflexões que ajudassem a sociedade a compreender como a “realidade” era lida e contada pela mídia. Com o passar do tempo, o próprio conceito de *Educomunicação* se ampliou e hoje cabem novas definições que nos permitem levá-la para os ambientes educacionais.

Muitas são as definições do que é *Educomunicação* e outras tantas são as variações e os entendimentos sobre o tema. Tal diversidade é inclusive fruto de experimentações feitas em todo o país. Como espinha dorsal desse movimento de eterna descoberta do “sobre o quê estamos falando”, há a intersecção entre a Comunicação Social e a Educação como prática de aprendizado.

É dessa interdependência e dessa conexão que surgem os elementos nos quais se baseia nosso método para compreender como a comunicação pode auxiliar na formação dos educandos. Por meio de tal abordagem, torna-se possível não apenas contar nossa história cotidiana, mas também reler e reavaliar historicamente a sociedade em que vivemos, o que é fundamental para a construção do *Projeto de Vida*. Além, claro, de permitir infinitas reinvenções das formas de aprender um determinado assunto.

Segundo pesquisas do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP), a *Educomunicação* é um conjunto de ações com três finalidades: integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação, criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos e melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas. Basicamente, pode-se concluir que a *Educomunicação* tem como principais desafios planejar, implementar e avaliar processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais, como a sala de aula, ou virtuais, como as redes sociais.

Nesse contexto, nota-se que a *Educomunicação* é mais do que fomentar uma leitura crítica da mídia e uma tomada de posicionamento frente a ela. É provocar os envolvi-

dos para que se tornem, eles mesmos, os meios de comunicação que gostariam de ver em suas realidades, ou seja, os protagonistas produtores de uma comunicação marcada pelo senso crítico e pela proposição. E mais: praticar esse método é estimular permanentemente um ambiente criativo, democrático e acolhedor para a ressignificação do mundo por aqueles que, de fato, são agentes desse ambiente.

Uma pesquisa feita pelo Programa Nacional de Conservação de Energia Elétrica (Procel), da Eletrobrás, mostrou que 98% dos lares brasileiros têm aparelhos de televisão, percentual maior que a presença de eletrodomésticos como a geladeira, que só aparece em 96% das casas. Consequentemente, é possível afirmar que a televisão é a forma de manter parcela expressiva de cidadãos conectada ao mundo, o que evidencia a necessidade humana de se comunicar e, portanto, de manter uma vida em sociedade, mesmo que de forma superficial, como meros expectadores dos fatos. O que se pretende é que a *Educomunicação* seja uma facilitadora no processo de desenvolvimento dos jovens educandos, para que estes abandonem a posição de expectadores, aprendam a ler criticamente o que é comunicado e construam suas próprias opiniões. Nesse sentido, a prática educacional é transformadora. E, no caso, o que menos importa é a qualidade técnica da comunicação que está se produzindo, mas sim sua intencionalidade e seu conteúdo.

Cabe ressaltar que, essencialmente, a informação é poder. A história da humanidade mostra que em qualquer tempo ou espaço geográfico, uma das primeiras atitudes dos regimes ditatoriais, quando se instalam, é buscar o controle dos meios de comunicação. Ou eliminá-los. Sem poder se comunicar livremente, qualquer sociedade fica à mercê dos canais oficiais, ou seja, refém de uma verdade única que, sem contestação, pode distorcer fatos e tornar-se absoluta. Mesmo nos regimes não autoritários, a informação é valiosa, podendo ser divulgada e lida como verdade única. Daí a importância de investir na formação de educandos que façam uma leitura ampliada do mundo, tornando-se agentes de transformação da própria vida e da realidade que os cerca. Quanto mais conhecimento, maior o repertório e melhor a visão crítica dos fatos. A *Educomunicação* ajuda a enfrentar tal desafio.

Para inspirar uma reflexão sobre o tema, cabem aqui alguns pontos importantes. Talvez, em toda a história, nunca se teve tanto acesso à informação como agora. Somos atingidos pelo celular, pela internet, pelo computador, pela TV, pelo rádio, pelas placas e por outras dezenas de meios de comunicação. Porém, provavelmente nunca se tenha

retido tão pouco conteúdo. O problema, no entanto, não é a quantidade de conteúdo produzido, mas sim a passividade das pessoas ao receberem as informações.

Principalmente no espaço educativo, quanto mais pessoas fizerem uma leitura das intenções e relações que estão nos bastidores dos conteúdos produzidos e aprenderem a gerar comunicação crítica para o mundo, maior será a chance de a sociedade ser transformada. Quanto mais pessoas enxergarem suas comunidades, sua organização, sua sala de aula e a si mesmas, como recursos comunicativos, maior clareza e liberdade haverá para que as escolhas sejam feitas.

Assim, deve-se pensar a *Educomunicação* não apenas como um processo pedagógico, mas também como um método que viabiliza o projeto de uma sociedade onde todos têm o que falar e, principalmente, o poder para fazê-lo. Esse é o parâmetro para as ações de formação dos jovens atendidos.

QUARTO MÉTODO

A Orientação Profissional

O homem não é senão o seu projeto, e só existe na medida em que se realiza.

(Satre)

Qual é a dúvida latente quando um jovem se pergunta sobre sua escolha profissional? Ou quando se pergunta se existe lugar para ele no mercado de trabalho?

Há uma crença generalizada de que as pessoas são destinadas a certos caminhos profissionais que as levariam à realização pessoal e que, apenas ao descobrir esse caminho, seria possível fazer a escolha ‘certa’ e ser feliz e bem-sucedido! A base desta crença é a ideia de *vocação* inata, que determinaria para sempre as inclinações do sujeito. É como afirmar que a ‘vocação’, se minuciosamente pesquisada e associada à carreira correta, poderia garantir o êxito profissional e a satisfação, independente de levar em conta a conjuntura. Esta visão aliena o sujeito e o descola do meio em que está inserido.

Quando estamos no campo do humano, das escolhas e do contexto pós-industrial não existe o ‘para sempre’, nem a escolha certa, muito menos garantias. Existem apostas, busca de lucidez e crítica, construção de sentidos e constantes remodelagens das escolhas a partir de seus cenários complexos.

Na realidade, as perguntas centrais que estão latentes nos questionamentos profissionais dos jovens são de ordem existencial: Quem sou eu? Quem desejo ser? Como posso garantir minha realização pessoal e ao mesmo tempo sobreviver nesse mundo de caos vocacional e incertezas que configuram a era pós-industrial?

Numa época de severa exclusão social, o eixo central da orientação reside na reconstrução dos vínculos dos jovens com um mercado de trabalho permeado de incertezas e em plena transformação. Diante dos reais questionamentos subjacentes às dúvidas vocacionais no contexto mundial contemporâneo, a Orientação Profissional aponta para muito além da escolha de uma carreira: foca a construção de projetos de vida, identidade pessoal e profissional e na preparação do sujeito para realizar escolhas contextualizadas.

Trata-se de um processo profundo de pesquisa do sujeito em seu contexto, para que possa consolidar sua identidade, buscando sentido para sua vida pela via do trabalho.

É apenas pelo conhecimento do cenário onde está inserido que o jovem pode realizar escolhas autônomas e autênticas, escapando das estereotípias.

O que se busca é instrumentalizar os jovens para que se tornem conscientes dos determinantes pessoais, sociais e econômicos de suas escolhas e possam, de modo crítico e realista, alinhar seus sonhos e caminhos profissionais. Deste modo, a Orientação Profissional atua como importante facilitadora no processo de inclusão social, à medida que promove a desalienação do sujeito e a consciência de que sua identidade e projeto de vida são produtos da interação com o meio onde vive e de seu contexto sócio-histórico, estimulando assim a preparação para o exercício crítico da profissão, o senso de autoria e a corresponsabilidade em seus projetos.

Ao desnaturalizar os cenários e valores vigentes, pode-se ajudar a diminuir a sensação de impotência vivida pelos jovens em situações sociais desfavoráveis, na busca da produção de um sentimento de pertencimento e potência para a construção de planos de ação. Portanto, em nossa abordagem, a *Orientação Profissional* se configura como um trabalho de cunho educativo e político, que contribui para auxiliar o jovem a se posicionar de maneira ativa e consciente, de modo a encontrar alternativas para suportar as incertezas de sua escolha e do mercado, transcendendo a cultura da sobrevivência.

Desde a década de 80, os profissionais dessa área têm atuado em um recorte cada vez mais social, atrelado ao contexto educacional e comunitário. Portanto, ao invés da proposta psicométrica de encaixe do sujeito numa carreira através de testes vocacionais e mensurações, lançam mão de ferramentas de diversas áreas do conhecimento para auxiliar os cidadãos a construir projetos lúcidos, autorais e responsáveis.

No caso do trabalho na Ação Comunitária, as intervenções abrangem de modo convergente todas as metodologias mencionadas (*Cartografia, Imaginação Sociológica, Educomunicação*) além de ferramentas baseadas na Psicologia e na Pedagogia.

A abordagem sócio-histórica e as referências de Rodolfo Bohoslavsky (2007) também são muito importantes nessa leitura e constituem fundamentos teórico-práticos de base, focando as escolhas no mundo do trabalho e na identidade profissional por meio do projeto de vida.

Deste modo, o educador que utiliza a *Orientação Profissional* em sua prática assume um papel de grande importância no processo, pois sua postura e atuação não podem servir para reprodução de modelos cristalizados ou naturalizados. Ao contrário, seu

olhar deve compreender o jovem a partir de sua realidade, enxergar as potencialidades e diferenças entre os jovens, intervindo de modo que cada um deles possa se ver como sujeito ativo.

A atuação do educador social nessa área deve direcionar o jovem para a consciência crítica e a tomada de decisões a partir da análise de contexto. Neste cenário de contradições, ideologias paradoxais e transformação intensa da sociedade, a apreensão da realidade pelo jovem torna-se obscura e o educador deve ajudá-lo a discriminar o que é importante em seu processo de escolha, promovendo um olhar para além da dimensão psicológica e individual.

As intervenções propostas pretendem estimular o jovem a construir uma trajetória profissional alinhada a valores humanos, a fim de engendrar uma sociedade na qual todos possam ter o direito à diferença, sem que isso resulte em desigualdade. Visam permitir que escolhas sejam feitas e que contribuam para ampliar horizontes, os quais podem ir além das condições sócio-econômicas determinadas pela história de vida. Seu objetivo maior é facilitar escolhas para que o jovem construa caminhos que valorizem a criação, a reflexão e a liberdade e assim produza transformações em si mesmo e em seu meio social.

Mais do que oferecer respostas e garantias, o que se deseja é ampliar a visão que o sujeito tem de si e do mundo, com a intenção de rearranjar, contextualizar e problematizar questões. Trata-se de deslocar a preocupação do jovem com uma carreira “ideal” e sugerir indagações sobre sua existência, sobre as ideologias e visões hegemônicas a respeito do mundo do trabalho.

A Orientação Profissional também procura fomentar questionamentos sobre possíveis contribuições do jovem para a sociedade na perspectiva do bem comum, para além da fantasia individualista de realização pessoal. Seu maior desafio é prover recursos para que os jovens possam circular de modo crítico e criativo entre as determinações do contexto e a autoria de sua própria história.

SOBRE A ATUAÇÃO DE EDUCADORES NO TRABALHO COM JOVENS

*“É jovem quando descortina a clara possibilidade de mudar de opinião,
É jovem quando salta o precipício da razão e tem uma queda pra ilusão,
É jovem quando entra no oceano de quarenta correntezas sem nenhuma embarcação,
Signo da sinceridade, da impulsão, do sonho, da realização,
É jovem quando carrega o mundo com as mãos”.*

(da canção *Aos Filhos de Peixes* de Oswaldo Montenegro)

O educador é uma peça chave no processo de desenvolvimento da metodologia e, portanto, o investimento em sua formação continuada é fundamental para o sucesso do trabalho proposto. Questões de fundo precisam fazer parte desse processo formativo: Se você tivesse que escrever sobre o tema “Ser educador”, o que diria? Qual o perfil adequado deste profissional? De quais competências precisa dispor? Qual seu papel na aplicação das metodologias? Qual o espaço que ele ocupa na vida de vários jovens a cada atividade, curso ou projeto? Como tem sido sua relação com as instituições de ensino? Quais são seus direitos e responsabilidades? Como ele é visto pela família, a sociedade e pelo próprio Estado? Como o jovem estabelece suas relações com o educador e como constitui suas próprias impressões e convicções? Há espaço para as proposições do educador no processo de formação? Quais são os limites de sua atuação?

Perguntas como estas têm permeado os projetos da Ação Comunitária ao longo dos anos e respondê-las constantemente é muito importante para que percebamos o lugar que o educador ocupa no processo de aplicação da metodologia. Em cada resposta são encontradas diretrizes, princípios e orientações, para que este sujeito atue como um agente de transformação social, facilitando o processo de reflexão e organização do *Projeto de Vida* dos jovens. Ele atuará como um facilitador no desenvolvimento dos educandos, mobilizando vontades e proposições em um processo permanente de informação-reflexão-ação. Nesse contexto, o jovem deve ser sempre instigado a perceber sua responsabilidade nos resultados desejados e levado a descobertas que potencializem sua capacidade de olhar para si e para o mundo. Dessa forma, terá elementos para pautar suas ações e escolhas. A via a ser percorrida durante esse processo é sempre de mão dupla, onde educador e educando aprendem juntos, em movimentos constantes de troca, consenso, dissenso e leitura de mundo: a todo instante os dois são sujeitos e objetos, ensinam e são ensinados, construindo e modificando seus *Projetos de Vida*.

Nesse contexto, as metodologias desenvolvidas pela Ação Comunitária se constituem em grandes aliadas para que educador organize sua prática, crie condições efetivas de aprendizagem para os educandos e tenha clareza de sua função social, inspirando os jovens para que tomem consciência de sua capacidade de produzir, criar e intervir no mundo.

Educador, mãos à obra!

PARTE II

Oficina: Uma concepção político-pedagógica

“Oficina é um jeito de aprender e ensinar baseado no princípio do aprender fazendo, valorizando os saberes das crianças, adolescentes e jovens e o trabalho coletivo”³

Depois da apresentação dos quatro métodos que são utilizados como suporte para a construção do Projeto de Vida, cabe oferecer um exemplo de Oficina para cada método proposto. As oficinas foram pensadas a partir de fundamentos que valorizam o saber do jovem e viabilizam sua participação num contexto de troca e reflexão.

Cabe mencionar que a oficina é uma estratégia utilizada pela Ação Comunitária na consecução de seus projetos, um “jeito de fazer” presente na sua concepção do que é ser jovem: “(...) um ser histórico, um ser afetivo, um ser inteligente e criador de cultura como o adulto, artífice de seu próprio desenvolvimento e saber”. (Elias e Sanches, 2007:163).

A Ação Comunitária não concebe a juventude como uma etapa de preparação e de espera para a fase adulta. Ao contrário, reconhece as potencialidades produtivas, criativas e participativas dessa fase da vida. Também compreende que o jovem se encontra em pleno desenvolvimento físico, afetivo, cognitivo e social. Nessa perspectiva, as oficinas propostas pelos projetos da Ação Comunitária procuram oferecer situações de aprendizagem significativas e indicadores de resultados, visando o desenvolvimento integral dos educandos.

Quanto a indicadores de resultado, a instituição dispõe do Sistema de Avaliação de Mudanças e Impactos Sociais (SAMIS). Ele foi criado para que os educadores pudessem contar com uma ferramenta que avaliasse o educando durante o processo de aprendizagem. Além disso, sua lógica permite que os indicadores sejam desdobrados em “pistas”, ou seja, atitudes concretas, que contribuem para que sejam identificadas mudanças no educando, permitindo, assim, uma avaliação com maior clareza e menos parcialidade.

³ CENPEC. Oficinas + Participação = Educação Integral/oficinas . Disponível em <http://www.educacaoeparticipacao.org.br/index.php/oficinas>. Consulta realizada em 26/05/2013 às 10:35.

Para que a Oficina se enquadre na concepção mencionada, é preciso que alguns elementos sejam observados:

» **Intencionalidade** → É preciso vislumbrar o objetivo da oficina, ou seja, aonde se quer chegar. Esse objetivo deve estar em consonância com o planejamento da proposta formativa. É necessário ter clareza em relação às aprendizagens que se deseja ver apropriadas pelos jovens.

» **Acolhimento** → É a criação de um ambiente favorável à fruição de aprendizagens, onde o educador mobiliza as vontades e capacidades dos jovens e facilita o processo de discussão e reflexão. Podem ser utilizadas músicas, poesias, e dinâmicas relacionadas ao tema do encontro.

» **Convite à ação** → É preciso compartilhar com os educandos o objetivo da atividade, dando sentido à proposta, para que haja envolvimento deles com a atividade. É fundamental partir dos saberes, ideias e hipóteses dos jovens sobre os conteúdos da oficina, para depois promover a ampliação do repertório cultural e de informação em relação ao tema.

» **Passo a passo** → O educador precisa construir um roteiro de desenvolvimento para a atividade, considerando tempo, espaço, recursos necessários, número de pessoas. Só é possível improvisar quando se tem um bom planejamento da atividade. Nessa etapa, ele compartilha seus saberes com os educandos, buscando a ampliação dos conhecimentos e saberes dos jovens.

» **Avaliação Compartilhada** → Esta etapa retoma o percurso total da oficina e permite que os jovens percebam suas aprendizagens, sejam críticos e reflexivos com relação aos conceitos, valores, certezas e dúvidas expressas no decorrer do encontro. Também é o momento do educador avaliar sua prática e verificar o alcance do objetivo da oficina.

» **Indicadores de Resultado** → A prática do educador precisa estar pautada em critérios prévios. Para isso, a construção de indicadores de resultado alinhados a atitudes concretas dos educandos é fundamental para a avaliação do trabalho desenvolvido. Tais ferramentas contribuem para que a subjetividade do ato de avaliar seja submetida a alguns parâmetros que orientam o olhar do educador.

» **Sistematização** → Essa é uma tarefa pós-oficina. Por meio da sistematização, as ações formativas são objeto de síntese e reflexão. A produção deste conhecimento deve ser registrada e pode ser utilizada no planejamento de futuras oficinas.

Os elementos apresentados são fundamentais no processo de desenvolvimento de uma Oficina. Portanto, o educador precisa considerá-los em seu planejamento, garantindo o tempo e espaço necessários para que sejam colocados em prática.

Seguem as Oficinas para os quatro métodos propostos:

OFICINAS EXPERIMENTAIS

Oficina 1: Imaginação Sociológica

Nome da Oficina: “Nem pior, nem melhor: apenas diferentes”

Intencionalidade: O propósito da atividade é permitir que os jovens percebam que existem entre eles semelhanças e diferenças que os tornam únicos. E é dentro dessa diversidade que surgem desafios, como a necessidade de levar adiante princípios gerais de tolerância. Compreender múltiplas realidades oferece uma visão mais ampla sobre o ambiente em que se vive. Entender tais diversidades em perspectiva histórica vai auxiliar na construção de um olhar múltiplo sobre nosso espaço.

Objetivo: Permitir que o jovem se perceba em meio à diversidade, encarando-a como algo natural e capaz de fazê-lo entender o mundo em que vive.

Passo a Passo:

☆ Numa dinâmica inicial, os jovens podem ser separados por um número de variáveis que os levem ao isolamento pleno. Não parece ser necessário pensar em mais de seis ou sete itens, mas os educadores devem inserir a quantidade suficiente para separar plenamente a turma. A sala, ou espaço ao ar livre, deve ser amplo para que eles percebam o isolamento.

☆ Numa turma de 40 jovens, por exemplo, pode-se dividi-los em:

☞ Masculino e Feminino;

☞ Dentro de cada gênero, sem que eles deixem de manter a primeira separação, pode-se dividi-los por estado civil dos pais: casados (vivem juntos) e separados (ou não vivem juntos). É importante manter os critérios sempre com DUAS possibilidades. Após esse segundo critério, serão quatro grupos: meninos de pais separados, meninos de pais casados e meninas nas duas condições;

☞ A terceira variável pode ser sobre a religião. Separe os católicos e não católicos – lembrando que essa religião foi escolhida porque estatisticamente dois terços da população brasileira são católicos, mas isso não quer dizer que não se respeite ou não se valorize as outras religiões;

☞ Na quarta variável, no caso de São Paulo, pode-se separar corintianos de não corintianos. No Rio de Janeiro, flamenguistas de não flamenguistas. E assim sucessivamente, de acordo com o time de maior torcida no estado onde a atividade estiver ocorrendo. Aqui é um bom momento para descontrair um pouco;

☞ Na quinta alternativa, a separação pode ser por etnia. Esta é mais uma variável delicada, e os educadores devem apresentar os conceitos de etnia e de miscigenação aos jovens, estimulando-os a respeitar as diversidades;

☞ Na sexta tentativa, pode-se separar os educandos que têm dois ou mais irmãos daqueles que têm um ou nenhum;

☞ A partir da sétima opção, se os jovens não estiverem totalmente sozinhos o educador pode introduzir nova divisão, sempre tomando muito cuidado com a forma como fala das variáveis, para evitar comentários que possam ser revertidos em sentimentos negativos.

☆ Será possível pensar que teremos dois homens, de pais separados, católicos, não brancos, corintianos, com mais de dois irmãos cada um? Pouco provável, mas o exercício permite que variáveis sejam introduzidas até que se chegue a seres únicos. As características devem ser anotadas e escritas em letra de forma legível e grande num papel apresentado pelos participantes (esse papel é entregue antes do começo da atividade e os alunos devem escrever a característica escolhida a cada variável apresentada).

☆ Agora que se separaram, é hora de pedir que circulem e encontrem alguém idêntico (a) na sala. Alguém com todas as características iguais. Muito provavelmente, não encontrarão.

☆ O desafio seguinte consiste em pedir que cada jovem encontre alguém melhor que ele: “de olho nas características, dê a mão para alguém que você tem a certeza que é melhor que você”. Pouco provável que tal união ocorra, mas o educador pode separar eventuais junções com discursos estimulantes.

☆ Em seguida, pode-se pedir que escolham uma característica “legal” e se unam a pessoas diferentes. Não importa a característica escolhida, o intuito é mostrar que eles têm liberdade para se aproximar de quem gostam ou desejam.

☆ No final, estarão todos entrelaçados, e daí a conclusão: nem melhores nem piores, apenas diferentes.

☆ A partir de então, os jovens devem buscar estatísticas que dimensionem suas características. Qual o percentual de distribuição na sociedade, das religiões, das preferências futebolísticas, dos gêneros, das etnias? Será possível notar que ninguém está sozinho em suas escolhas e características. Esse é o início possível para o uso de algo que deseja ofertar percepção de vida em sociedade, com diversidade e tolerância.

☆ A pesquisa pode ser estimulada com dados do IBGE. Uma boa solução é distribuir aos jovens tabelas com as variáveis que foram trabalhadas. Formando duplas ou trios, podem olhar juntos as tabelas. Eles vão desvendar o mundo que os cerca.

☆ Se nessas tabelas, existirem dados em perspectiva histórica, MELHOR, pois eles serão capazes de notar tendências, como por exemplo: aumento no número de negros no Brasil, aumento no número de evangélicos, predominância discreta das mulheres em relação aos homens, aumento do número de famílias chefiadas por mulheres, etc. Nem todas as variáveis utilizadas precisam estar nas tabelas. A partir de uma reflexão sobre os dados, as duplas / trios podem ser estimuladas a fazer apresentações rápidas sobre o que lhes chamou mais a atenção.

☆ Ouvidas as análises, é importante que criem, estabeleçam e apresentem hipóteses para entender por que OCORREU aquilo que lhes chamou a atenção, ou seja, quais foram as causas dos fatos analisados pelos jovens. No final, vale a pena dizer que a verificação dessas hipóteses, respondidas com o uso de métodos científicos, é o que chamamos de ciência – nesse caso social, porque busca desvendar um fenômeno percebido em nossa sociedade!

Avaliação Compartilhada (dicas): A GRANDE questão é lembrar que toda a atividade é baseada em perguntas. A todo momento, os jovens devem ser estimulados a entender, primeiro, que são únicos e capazes de viver em harmonia, dentro dos limites da tolerância. E na segunda etapa, de pesquisa e observação de dados, eles devem ser instigados a formular hipóteses. É importante estimular debates, perguntar o que acham da reflexão alheia. Isso é essencial.

Indicadores de Resultado:

Indicador 1: "Há tolerância no grupo"

- * Os jovens fizeram a associação entre *escolhas* e *características únicas* de uma pessoa;
- * Respeitaram e valorizavam as características de seus colegas de turma;
- * Perceberam-se como sujeitos essenciais da sociedade (parte do todo).

Indicador 2: "Tem imagem positiva de si"

- * Demonstram segurança ao manifestar suas ideias e opiniões;
- * Descrevem-se de forma positiva, demonstrando autoestima fortalecida;
- * Investem em seu autodesenvolvimento.

Indicador 3: “Fez uso da imaginação sociológica, após as análises e pesquisas realizadas”

- * Contextualizam as próprias características e as dos colegas, demonstrando perspectiva;
- * Demonstram curiosidade, fazendo perguntas sobre os fatos pesquisados;
- * Tiveram *insights* acerca das diversidades presentes na sociedade.

Sugestões para aprofundamento do tema:

Filmes:

Manderlay - *Lars Von Trier*

Quase dois irmãos - *Lucia Murat*

O Baile - *Ettore Scola*

Narradores de Javé - *Eliane Caffé*

Sites:

www.ibge.gov.br

www.seade.gov.br

www.ipea.gov.br

www.pnud.org.br

Oficina 2: Cartografia

Nome da Oficina: “Expedição Cartográfica”

Intencionalidade: Depois de desenvolver e compartilhar com os jovens algumas aprendizagens referentes à metodologia da Imaginação Sociológica, fundamentais para que eles possam ser protagonistas de suas histórias e refletir sobre seus projetos individuais e coletivos, esta oficina visa adensar e ampliar o universo de atuação destes educandos. A proposta agora é de um trabalho de natureza cartográfica, que pretende proporcionar-lhes um conhecimento mais aprofundado da comunidade em que vivem, exercendo assim o protagonismo juvenil e influenciando, por meio de suas ações, a vida de toda a coletividade.

Objetivo: Dar subsídios para que os jovens reflitam e discutam sobre aspectos das seguintes questões:

- ☞ A relação entre comunidade e escola;
- ☞ O trabalho realizado pelas entidades e associações da comunidade;
- ☞ Os espaços possíveis para uma convivência prazerosa, saudável e de aprendizagens;
- ☞ O reconhecimento e o mapeamento da paisagem social e ambiental da comunidade.

Passo a Passo:

☆ *Aquecimento (entrevistas no grupo)* - Cada jovem escreve em uma folha de papel “sua música preferida”, “a comida que mais gosta”, “o melhor filme que já viu”, “a atividade de lazer preferida”. Depois disso, o papel é fixado no peito e eles andam pela sala observando as preferências dos outros jovens. O educador sugere a formação de duplas, considerando a “proximidade” das preferências. Cada jovem entrevista o parceiro, anotando todas as informações em um papel, de modo a conhecer outras preferências, escolhas, posicionamentos, crenças e características do entrevistado. É importante que colham o maior número possível de informações sobre o outro e que registrem o conteúdo das entrevistas. Depois disso, cada um apresenta seu entrevistado para o grupo e, em seguida, verifica se suas hipóteses *se confirmaram, ou seja, se aquilo que imaginou do outro foi de alguma maneira confirmado por ele*;

☆ *Expedição Cartográfica* - A proposta para essa atividade é a realização de uma incursão de caráter investigativo, na comunidade. Os jovens podem fotografar, filmar, entrevistar outros jovens e lideranças comunitárias, conversar com moradores antigos e professores das escolas, visitar espaços culturais, conhecer grupos artísticos, além de ouvir os trabalhadores das organizações e instituições locais. Eles devem sair em duplas ou

trios, o que será previamente definido no coletivo, considerando também suas habilidades individuais (os mais falantes, os mais observadores, os mais criativos, os mais metódicos, os que têm facilidade para escrever), para garantir diferentes olhares e percepções no processo de investigação. Lembrando sempre que essas habilidades não são inatas, que podem e devem ser aprendidas e aperfeiçoadas na relação entre educador e educando. Esse processo fornecerá ao educador e aos jovens um material precioso para o fomento de futuras investigações e análises. A ideia é que, depois da “expedição cartográfica”, eles possam se apropriar melhor do universo da comunidade, reconhecendo a diversidade com que os espaços locais são ocupados e geridos, além de refletir sobre suas práticas, alterando as maneiras de verem, sentem, pensam e percebem o entorno.

☆ *Proposta de roteiro para conversa com pessoas da comunidade* - É sempre bom promover um encontro com os jovens para dirimir as dúvidas que possam surgir a propósito dos conceitos, ideias e palavras existentes na “sugestão de roteiro para conversa”. As conversas com os diferentes atores da comunidade podem ser gravadas para facilitar uma discussão e a sistematização posteriores. Um “ensaio” deixará os jovens mais seguros. Seguem algumas sugestões de perguntas para as entrevistas:

- *Entrevistas com “Outros jovens da comunidade”* - Quais as três principais coisas que gostaria que existissem no bairro? / Quais as opções de estudo, lazer e cultura do bairro? / O que você gosta de fazer nas horas de lazer? / Qual a sua opinião sobre a sua escola? E o que você gostaria que a escola oferecesse? Por quê? / Você conhece o trabalho de alguma instituição local? / Você participa de algum grupo de jovens? Qual? / Como sua comunidade aparece no jornal, no rádio, na televisão? O que você acha do que é dito sobre ela? / Quais as três piores coisas que acontecem no bairro?

- *Entrevistas com “Moradores Antigos”* - Você sabe de onde vem o nome da região onde mora? / Fale sobre as pessoas e famílias que, na sua opinião, ajudaram a construir essa comunidade/ Conte um pouco da história da comunidade e de como foram chegando a luz elétrica, o transporte coletivo, as primeiras fábricas, o comércio, as primeiras escolas, o posto de saúde, a Igreja, etc. / Quais as primeiras festas que aconteceram na sua comunidade? Como elas surgiram? / Qual o acontecimento mais importante da sua comunidade? Você participou dele? / Qual era o lugar mais bonito da comunidade quando você era jovem? / Se você pudesse mudar algum fato histórico da sua região, o que mudaria? / Há algum outro fato ou história que você gostaria de relatar? / Fale das coisas boas e dos problemas que essa história deixou.

Os jovens podem reunir dois ou três moradores e realizar uma entrevista coletiva que pode ser gravada e posteriormente editada. Dessa maneira, a conversa pode ser mais produtiva, com um formato de “bate papo”.

• *Entrevistas com “Trabalhadores das organizações e instituições locais”* - Há quantos anos a instituição se instalou na comunidade? / Quais os objetivos da instituição e qual a faixa etária do público atendido? / Que critérios existem para o atendimento? E como é feita a divulgação? / Como você classificaria a população local: participativa, solidária, desinteressada, desmobilizada? / Qual o principal problema da região? / A instituição participa de algum fórum, associação, conselho, movimento reivindicatório? / A instituição realiza trabalho em parceria? E o que determina a escolha de parceiros?

• *Entrevistas com “Professores das escolas”* - Qual sua opinião sobre a escola e sobre os jovens que a frequentam? / O que mais dificulta o trabalho da escola? / Do seu ponto de vista, o que há de bom e o que falta na escola? / Quem pode ajudar a resolver os problemas da escola e do bairro? / Existe Grêmio ou outra forma de organização dos alunos? Como funciona? / Que outras atividades podem ser desenvolvidas na escola, além das aulas propriamente ditas? / Você participa de algum grupo da comunidade: associação de moradores, movimento reivindicatório, conselhos/fóruns, partido político, grupo religioso?

☆ Orientações para o desenvolvimento da entrevista:

☞ Lembrar que a entrevista é uma conversa aberta, mas orientada por um objetivo. Existe uma “agenda oculta” que direciona o rumo da conversa por meio das perguntas em cada questão. As respostas serão assinaladas só pelo jovem pesquisador;

☞ É preciso evitar a contaminação das respostas: fixar a atenção no entrevistado principal, lembrando sempre que é o ponto de vista do entrevistado que interessa. No caso de a conversa ser com um casal, focalizar em um dos dois e perguntar sempre para a mesma pessoa;

☞ Tomar cuidado para não emitir juízos de valor durante a entrevista, evitando exercer qualquer influência sobre as respostas dadas. Os valores e opiniões do entrevistado é que interessam;

☞ Criar um clima de cordialidade e simpatia. Conduzir a entrevista calmamente. Insistir sem forçar as respostas;

☞ O entrevistador precisa suportar os silêncios. Não deve induzir respostas. Diante de respostas vagas ou “não sei”, tentar ajudar o entrevistado. Pode ser que o entrevistado nunca tenha pensado antes nessa questão e precise de uma ajuda para organizar o pensamento e dar uma opinião;

☞ Estar atento às fantasias e temores do entrevistado: ele pode imaginar que o entrevistador mantém vínculos com alguma instituição ou pessoa que poderia prejudicá-lo; ou que suas queixas vão resolver seus problemas (porque o entrevistador é representante do governo); situações deste tipo pedem que o entrevistador retome a finalidade do trabalho, dando os esclarecimentos necessários;

☞ Reforçar sempre a importância da opinião do entrevistado.

Avaliação Compartilhada (dicas): O processo deve desafiar os jovens a elaborar e executar novas ideias, além de propor - com a participação deles - ações de reflexão e de intervenção sobre seus projetos de vida.

Indicadores de Resultado:

Indicador 1: “Percebem questões de ordem coletiva”

- * Relatam situações que envolvem o bem comum;
- * Relacionam questões individuais com o contexto coletivo;
- * Identificam ativos da comunidade.

Indicador 2: “Apresentam visão crítica em relação ao contexto da comunidade”

- * Demonstram incômodo em relação às situações que prejudicam o bem comum;
- * Estabelecem vínculos entre situações da comunidade, produções da mídia e a história;
- * Reveem suas atitudes e posturas com relação à comunidade.

Indicador 3: “Propõem ações de intervenção para a melhoria da comunidade”

- * Percebem-se como sujeitos fundamentais para a mudança da comunidade;
- * Planejam ações de intervenção na comunidade;
- * Executam ações de intervenção na comunidade.

Sugestões para aprofundamento do tema:

Texto: “Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião”, In: Instituto Paulo Montenegro, São Paulo: Editora Global, 2002.

Vídeo:

Atitude na Cena(2003, Direção Joinha Filmes). duração 17’

Além da Lousa, Culturas Juvenis, Presente (2000, Direção Grupo Educação Ritmo Rua, duração 14’

Site: Observatório Jovem do Rio de Janeiro -<http://www.uff.br/observatoriojovem/>

Oficina 3: Educomunicação

Nome da Oficina: “Jovens Comunicadores”

Intencionalidade: Como trazer para o mundo real dos adolescentes e jovens conceitos muitas vezes abstratos demais? Como aproximar, no ambiente educativo, intenções e práticas de uma forma que seja prazerosa para educadores e adolescentes? Esse é o seu grande desafio, educador.

Por meio de uma série de exercícios práticos, é possível conceituar de modo lúdico e eficaz a educomunicação como prática da cidadania. Pode-se fazer isso respondendo a três perguntas: O que é educomunicação? Como nos reconhecemos educadores? Como a educomunicação é reconhecida na prática da cidadania?

Não se trata aqui de trazer dezenas de conceitos para tentar entender algo que existe justamente na prática cotidiana. É preciso convidar os jovens para uma jornada de experimentação diferente, na qual o jovem vai, em primeiro lugar fazer, experimentar, vivenciar, para só então, coletiva e colaborativamente, conceituar, buscar referências, até que finalmente o grupo entenda sobre o que estamos falando.

Objetivo: Essa sugestão de atividade tem o objetivo de convidar os jovens a se experimentarem no cotidiano como comunicadores, gerando um processo de reflexão coletiva sobre o papel de destaque que temos na construção de um entendimento de mundo.

São também objetivos dessa atividade:

- ☞ Ampliar o entendimento do que são recursos comunicativos locais;
- ☞ Provocar uma autorreflexão sobre nosso papel na construção do conhecimento;
- ☞ Estimular outras formas de aprendizagem, incluindo a si mesmo e sua própria história, como recursos pedagógicos;
- ☞ Alinhar conceitualmente educomunicação entre os participantes;
- ☞ Ampliar a visão sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC’s – em nosso cotidiano.

Passo a passo:

A atividade está dividida em três momentos interconectados. Sugere-se que seja feita em três dias diferentes, para que ofereça aos participantes uma chance de reflexão sobre cada um dos passos.

☆ “Meu eu Comunicador”

Nessa primeira etapa, os jovens são convidados a explorar tudo que carregam consigo como recurso comunicativo. Partindo do próprio corpo, dos sons que ele emite, até a mochila, os cadernos, o aparelho celular, tudo deve ser considerado como recurso que ajudará a contar uma história. Em roda, o educador deve iniciar explicando o quanto somos sonoros e dotados de recursos que nos ajudam a contar histórias e a estabelecer diálogos. Como exemplo, vale a pena citar que muitas pessoas só conseguem contar o que viram, o que gostaram, emitindo sons que se relacionem com o fato ocorrido. Se elas estão contando que um carro bateu, fatalmente farão um som de impacto ao simular a colisão com as mãos.

Com esse exercício, o que se pretende é oferecer aos jovens a possibilidade de se olharem, se investigarem, explorarem seus corpos e os objetos que carregam, para que tenham elementos que ajudem a contar histórias. Assim, quanto mais sons eles forem estimulados a tirar do corpo e do que carregam, mais rico será o produto final.

Depois que já exploraram o que carregam, o educador pedirá que se reúnam em trios ou quartetos e compartilhem o que descobriram de sons e outros elementos em suas experiências pessoais.

Feito isso, vem o convite mais desafiador: criar um produto de comunicação de rádio com esses recursos sonoros que acabaram de descobrir. Ainda em grupo, eles devem pensar numa história impactante que tenham visto nas últimas duas semanas com alguém muito próximo. Em seguida, precisam escrever a história num papel (roteiro), respeitando o tempo e os fatos acontecidos. Logo após, o grupo precisa definir, entre os participantes, papéis – personagens – que ajudem a ilustrar a história escolhida. Depois disso, voltam ao roteiro, escrevendo as falas em uma folha de papel, os sons que devem ser emitidos e em qual tempo, além dos efeitos sonoros que irão executar.

Importante: eles apenas podem usar os recursos encontrados no próprio corpo e nos materiais que carregam sempre consigo. Não podem utilizar objetos de outros lugares. Sugere-se que montem uma radionovela, ou um spot, sempre de curta duração, mas que tenha: abertura, apresentação, sonoplastia e efeitos, ao menos duas vezes diferentes no enredo, com começo, meio, fim e ficha técnica no fim da produção. O tempo desse produto comunicativo deverá ser fixado pelo próprio educador, a partir da observação do ritmo e da produtividade da turma.

Ao terminar as produções, todos voltam à roda original e, juntos, apresentam seus programas de rádio. Toda a gravação deverá ser feita, única e exclusivamente, com aparelhos celulares dos próprios jovens, independentemente da qualidade que o som possua.

☆ Quais recursos comunicativos existem em minha organização?

No segundo dia, o exercício segue exatamente da mesma forma, porém agora os jovens podem ampliar o seu olhar e observar a sua organização como um espaço comunicativo. Para isso, eles devem ser convidados a andar pela organização de modo a observar todo e qualquer espaço que acreditem possibilitar algum tipo de comunicação (exemplo: em frente ao vaso sanitário masculino, sobre a descarga, pois todos os homens olham, inevitavelmente, para lá). A título de exemplo, qualquer espaço que fique próximo do local do almoço, pois é um dos poucos momentos em que há mais pessoas concentradas em um mesmo espaço.

Em seguida, os jovens serão convidados a voltar à sala e colocar no papel, cartolina ou *flipchart*, todos os espaços comunicativos que localizaram como potencial desperdiçado. É importante que educador faça uma reflexão sobre os pontos levantados, de modo a gerar uma discussão e uma reflexão sobre os possíveis potenciais comunicativos dos locais escolhidos.

Em seguida, os jovens se organizarão em três grupos e escolherão três espaços onde poderão criar algum tipo de comunicação relacionada. Por exemplo, uma campanha de conscientização sobre o uso da descarga no banheiro masculino. Importante dizer que esses produtos comunicativos precisam ser inovadores, divertidos e levar alguma mensagem específica para a organização.

Uma sugestão: o educador pode registrar fotograficamente os trabalhos dos três grupos e exibi-los ao realizar a avaliação do dia. A avaliação será feita em cima de três perguntas: Por que esse lugar tem um potencial comunicativo? Nossa mensagem foi efetiva, gerou algum impacto? Quais recursos utilizamos para fazer tudo acontecer? Aqui, vale analisar e refletir o quanto de comunicação deixamos de produzir por achar que precisaríamos de recursos caríssimos, equipamentos, etc.

☆ Comunicação em Movimento

No terceiro dia de atividade, o educador pode começar recapitulando os principais aprendizados das duas primeiras etapas, por meio de uma apresentação ou das anotações de um mapa mental que todos possam ver.

Reunidos em roda, com folhas de *flipchart*, canetinhas, giz de cera, os jovens anotam todos os recursos que usaram nas primeiras etapas, sejam físicos ou não. Com isso será feito um painel gigantesco que eles deverão observar. Em seguida, o educador deve convidar a turma a pensar, coletiva e colaborativamente, um produto de comunicação que gere algum tipo de movimento dentro da organização. São os jovens que, após pesquisar e dialogar entre eles, decidem o que deve ser.

A título de exemplo, se os jovens avaliarem que é necessária uma ação comunicativa em favor de “abraços grátis” dentro da organização, eles devem buscar na internet referências sobre quem já a fez, como fez, e discutir quais são os desafios de reproduzir aquela ação numa escala menor.

Feito isso, passam a se organizar para criar essa ComunicAÇÃO no mundo. É o momento de enumerar os recursos necessários, definir papéis, etc. É importante aqui ressaltar que o educador é apenas um facilitador do processo, sendo essencial que apenas dê suporte e não influencie na escolha da ação pelo grupo.

Independente da ação escolhida, o grupo deverá registrar em áudio e vídeo o que será feito. No momento da avaliação, esse registro deve ser projetado para que todos tenham consciência do caminho rumo à construção dessa ação conjunta.

Avaliação Compartilhada: será feita ao fim de cada dia de atividade, a fim de colher as impressões mais recentes. Em roda, a turma receberá do educador um papel e uma canetinha e cada um deverá registrar algo que o tenha impressionado durante aquele dia. Vale toda e qualquer coisa, desde que relacionada a um conhecimento que ele não tinha, a algo dentro do próprio processo de criação da atividade.

Esses papéis serão colados em uma parede, onde todos possam ver, e o educador fará a leitura de cada um deles, de modo que o jovem que se sentir convidado possa detalhar o que escreveu, compartilhando com o grupo.

Indicadores de Resultado:

Indicador 1: “Tem poder de observação do espaço ao redor de si”

- * O jovem conseguiu identificar elementos significativos do ponto de vista comunicativo e que estão no ambiente no qual ele se encontra;
- * Registrou no papel o que observou, descrevendo detalhes;
- * Foi criativo ao identificar o recurso comunicativo e expressá-lo.

Indicador 2: “Tem entendimento do tema da atividade”

- * Ao final do dia, conseguiu transformar a sua observação em um produto palpável para ser apresentado;
- * Consegue emitir a sua opinião durante as construções coletivas dos produtos comunicativos;
- * Mostrou-se participativo e curioso durante as três fases da atividade.

Indicador 3: “Consegue relacionar a conversa micro com o tema macro”

- * Apresenta *cases* que tenham relação com o que o educador está explicando;
- * Embasa suas opiniões com o que foi dito durante a atividade;
- * Apresenta argumentos nos grupos de trabalho.

Sugestões para aprofundamento do tema:

Filmes:

Uma Onda no Ar, direção de Helvécio Ratton, 2002, Brasil. Classificação 17 anos.

Saneamento Básico – o Filme, direção Jorge Furtado, 2007, Brasil, Classificação 16 anos.

Educomunicação – O Nascimento, Direção: Marta Russo e Michele Marques Pereira, 2013.

Oficina 4: Orientação Profissional

Nome da Oficina: “A Árvore da Vida”

Intencionalidade: A figura da árvore é uma representação arquetípica bastante fundamental e presente no inconsciente coletivo. Em muitas referências, representa a ligação do mundo interno com o mundo externo e o crescimento. Permite explorar assuntos como identidade, autopercepção, autoconfiança, protagonismo, valores, competências (Conhecimentos, Habilidades e Atitudes - CHA) e os resultados obtidos e esperados pelo jovem em relação a seu projeto de vida. Temas como noção de causa-consequência, responsabilização, resiliência e perseverança para alcançar resultados também podem estar presentes. O objetivo principal desta atividade é instigar o jovem a refletir sobre os temas citados como foco em seu processo de escolha e na sua relação com o meio, tendo sempre como eixo central o projeto de vida e a identidade. A árvore da vida demonstra a relação que o jovem tem com o meio e liga seu passado com o presente e o futuro. Ela é um poderoso instrumento de autoconhecimento, planejamento e percepção das relações consigo mesmo e com o meio.

Objetivo: Desenhar a árvore da vida como representação do projeto de vida, da identidade, das realizações, forças, e fraquezas.

Passo a passo:

- ☞ Apresentar o enunciado ao educando;
- ☞ Você deve desenhar a sua árvore da vida. Nas raízes, desenhar e escrever seus valores fundamentais (investigar e relembrar a definição do que são valores);
- ☞ No tronco, registrar suas competências (CHA);
- ☞ Na copa, registre os frutos já alcançados e aqueles que ainda deseja alcançar;
- ☞ Para ligar o tronco à copa, desenhar galhos que devem representar suas escolhas, dúvidas. Coloque nos galhos as escolhas que foram feitas, que levaram ou não aos frutos. Apontar as renúncias e esforços que teve de fazer para assumir esta escolha;
- ☞ Após o término do desenho, acrescentar possíveis ‘ervas daninhas’ que podem prejudicar o crescimento da sua árvore (elas podem estar localizadas em qualquer lugar da árvore ou fora dela);
- ☞ Após desenhar sua árvore, desenhe como enxerga o meio onde ela está inserida.

O que tem ao redor de sua árvore? Como o meio influencia sua árvore e como sua árvore influencia o meio? Represente isso em seu desenho;

☞ *Abertura para compartilhamento da atividade e questionamentos.* O educador pode pedir que os jovens apresentem suas árvores ao grupo para refletir em conjunto sobre suas percepções e visões de mundo.

Avaliação Compartilhada: Fazer uma roda de conversa utilizando as seguintes questões - Como se sentiu ao realizar a árvore? Qual foi a parte mais fácil e a mais difícil e por quê? Relacione as partes entre si: como suas raízes fortalecem seu tronco a fim de gerar os frutos? Você conseguiu enxergar frutos? Que tipo de fruto valorizou? Será que deu mais importância a frutos materiais ou não-materiais? Acredita que seus frutos foram gerados por suas reais competências? Consegue ter clareza de suas forças e fraquezas e as consequências destas para gerar ou não frutos? Quais foram as dificuldades que sua árvore já enfrentou para crescer e como passou por elas? Acredita que tem alimentado sua árvore com valores que realmente são importantes para você? Seus conhecimentos, habilidades e atitudes têm sido bem aproveitados para gerar frutos? Quais são os frutos que espera colher no futuro? O que precisa modificar e manter em sua árvore para colher esses frutos? Qual a relação de sua árvore com o contexto? Você considerou apenas um contexto próximo ou foi mais abrangente? Você acredita que também é capaz de influenciar seu meio? Como tem realizado suas escolhas? Precisa modificar algo em seu processo de escolher?

Indicadores de Resultado:

Indicador 1: “Demonstra conhecimento de seus valores e competências”

- * Consegue identificar e compreender seus valores e competências;
- * Demonstra conhecimento de seus pontos a melhorar;
- * Relaciona seus frutos com suas competências e esforços.

Indicador 2: “Considera a influência do contexto em sua vida e vice-versa”

- * Reconhece influências sociais, econômicas e políticas em sua vida e escolhas;
- * Menciona e considera tanto o contexto mais próximo (família, escola, bairro, etc..) como o mais amplo (dimensão política, econômica, contexto global);
- * Demonstra a percepção de que pode influenciar o meio de modo ativo e não apenas ser influenciado por este.

Indicador 3: “Faz escolhas conscientes”

- * Considera a articulação entre a dimensão individual e influências do meio para fazer suas escolhas;
- * Percebe que as escolhas não são casuais e que estão relacionadas a determinantes variadas;
- * Relaciona suas escolhas a um projeto de vida.

Sugestões para aprofundamento do tema:

Vídeos e Filmes:

“O efeito borboleta” e “Corra, Lola, Corra” – tema: Escolhas

<http://www.youtube.com/watch?v=7qFiGMSnNjw> (“História das coisas” – influência do contexto sócio-econômico)

<http://www.youtube.com/watch?v=tnfga7tbMYI> (Coragem e determinação diante de adversidades – “Coração valente”)

http://www.youtube.com/watch?v=_zdGPd_e14U – Escolhas

<http://www.youtube.com/watch?v=c3sBBRxDAqk> – “Ratatouille” – Nossa origem nos determina? Sim e não?

PARTE III

Estrutura do Portfólio Projeto de Vida

Como foi mencionado, o trabalho do Projeto de Vida é desenvolvido com os jovens, por meio de atividades aplicadas ao longo do processo formativo, e é amparado pelas concepções e reflexões propostas por quatro métodos apresentados: Imaginação Sociológica, Cartografia, Educomunicação e Orientação Profissional. Esse processo é materializado em um portfólio, composto pelos exercícios que foram realizados, tendo como conclusão um Plano de Ação, com objetivos, metas e passo a passo das escolhas feitas pelo jovem. Para esta publicação foram escolhidas algumas atividades que consideradas norteadoras do processo de reflexão do jovem e que possibilitam desdobramentos, possibilitando a construção do portfólio. Inspirado nelas, o educador poderá criar outras que tenham o mesmo propósito. Antes de apresentá-las vale a pena retomar e acrescentar algumas considerações sobre o processo proposto:

- ☞ É fundamental que antes do início das atividades, o jovem seja sensibilizado sobre a importância de refletir sobre suas expectativas para o futuro;
- ☞ A valorização do conhecimento e das experiências dos jovens deve ser uma premissa;
- ☞ É preciso que o educador acompanhe o jovem durante todo o processo de descoberta, de forma continuada, encorajando-o e fornecendo dados da realidade para subsidiar suas possíveis escolhas;
- ☞ A proposta de construção do Projeto de Vida é organizada em três momentos: Passado, Presente e Futuro. Em cada fase o jovem realiza exercícios e vivencia situações que contribuem para que reflita sobre seus desejos e sonhos a partir da investigação de sua história de vida e da realidade social;
- ☞ As reflexões são fomentadas por meio de perguntas com foco em quatro áreas: Familiar, Educacional, Profissional e Social, para que o jovem desenvolva uma visão de futuro mais abrangente e consiga perceber a relação entre atitudes e consequências;
- ☞ Cada jovem poderá repetir os exercícios várias vezes, o importante é que haja o aprofundamento das reflexões propostas, para que as escolhas sejam cada vez mais conscientes;
- ☞ O educador deve garantir que cada coleção de atividades tenha a marca/singularidade do jovem, sem desconsiderar as propostas da metodologia;

☞ A capa do portfólio é construída pelo jovem, representando sua visão sobre o planejamento futuro.

Seguem as atividades norteadoras:

Atividades norteadoras para a construção do Projeto de Vida

ATIVIDADES REFERENTES AO PASSADO

1. LINHA DO TEMPO

Objetivos:

☞ Trabalhar com o educando a apreensão de si mesmo num *continuum* temporal, levando em conta: sua inserção e a relação com o meio social e sua família; investigação das representações sociais variadas que formam sua identidade; contextualização histórica, social e cultural; vinculação de sua história com o outro e com o meio. A partir dessa atividade, espera-se que o educando tenha mais clareza das influências que determinam a estruturação de sua identidade no âmbito social e familiar e sobre como suas escolhas e as escolhas alheias afetam sua história como um todo;

☞ Auxiliar o educando na identificação de valores, modelos, na reflexão sobre causas e consequências de ações nas esferas micro e macro. Possibilitar uma avaliação crítica de sua história, visando uma posterior projeção para o futuro de modo responsável e contextualizado.

Desenvolvimento da atividade: O educando precisará desenhar uma linha do tempo. Nessa linha ele vai destacar acontecimentos que considera importantes ou que fizeram a diferença na sua história ou na história do mundo onde vive até os dias atuais. Essa linha do tempo tem uma proposta diferente: deve ser construída simultaneamente para três áreas: pessoal, familiar e social. Na linha pessoal, serão relatados acontecimentos relevantes de sua história. Na linha familiar, serão registrados assuntos relacionados à família. Na linha social, devem ser destacados acontecimentos sociais, históricos, políticos ou culturais.

Sugestão de questões para análise / mediação / provocação: Como essas linhas se relacionam? O que aconteceu de importante na sua família e no mundo antes do seu nascimento? E no ano do seu nascimento? Você nota algum padrão de acontecimento ou repetição ao longo de sua história? O que isso quer dizer? Como você realizou

escolhas no seu passado? O que gostaria de mudar em sua linha? Como lidar com isso? Por que escolheu esses acontecimentos para colocar na linha e o que essa escolha revela sobre seus valores? Nota modificação em seus valores ao longo da sua linha? O que parece ser mais permanente e o que parece mais temporário? Como os acontecimentos à sua volta influenciaram você? Como quer continuar sua linha do tempo? O que vai fazer para isso? Qual a importância dessa atividade para você construir seu *Projeto de Vida* e seu plano de ação futuramente?

Material de apoio: O trabalho pode ser feito em papel comum, cartolina, no computador, etc. Também poderão ser utilizados vídeos, biografias de pessoas conhecidas, recorte e colagem de imagens.

2. ÁRVORE GENEALÓGICA

Objetivos:

☞ Trabalhar a origem e a história pessoal, percepção de mitos familiares e lugar simbólico na família, referências e modelos. Conscientização das consequências geracionais de algumas decisões ou acontecimentos familiares. Percepção dos impactos das referências familiares para a formação de todas as facetas da identidade (profissional, ética, política, corporal, etc.);

☞ Empoderar o educando para que ele possa se perceber como autor de sua história, apesar das influências familiares, evitando a vitimização ou culpabilização mediante os variados enredos familiares;

☞ Perceber as identificações; começar a despertar para a influência da família na identidade vocacional e ocupacional; provocar reflexões sobre projeto de vida no sentido de como o educando deseja perpetuar sua família e sua história; possibilitar reflexões sobre os papéis sociais que um indivíduo possui, reflexões sobre a vida afetiva e sexual do jovem. A partir do resgate de sua história, promover reflexões sobre o futuro.

Desenvolvimento da atividade: Etapa 1. A árvore genealógica é a representação gráfica de uma família. Ela agrupa esquematicamente a ascendência e/ou a descendência de um indivíduo. A árvore mostra também as conexões entre os membros da família, seu estado civil, filhos, etc. A partir dos ancestrais, os membros da família são representados em ramificações que se assemelham a uma árvore, daí o seu nome. O

educador deve orientar o educando para que desenhe sua árvore genealógica de modo a representar o mais detalhadamente possível sua família, até a geração mais antiga que conseguir. Para complementar a atividade o jovem poderá conversar com seus familiares para obter o máximo possível de informações. Etapa 2. O jovem deverá acrescentar à árvore profissões/ocupações de cada membro da família.

O formato da árvore é opcional: pode seguir o modelo da genética ou qualquer outra forma escolhida pelo educando. É importante que não sejam oferecidos modelos prontos ou já desenhados, a fim de que o jovem se projete o máximo possível na atividade.

Sugestão de questões para análise / mediação / provocação: O que é uma família? Quais são as principais características da sua família? Há algum padrão que se repete? Como as pessoas se relacionam entre si? Quais são as relações mais marcantes? Que lugar você ocupa na família? Como você é visto na família? Como sua família realizou escolhas no passado? E como realiza no presente? O que gostaria de mudar em sua família? Como lida com isso? Como os acontecimentos familiares influenciam você? Como você influencia sua família? Quais são as profissões/ocupações da sua família? Há algum padrão ou aspecto que lhe chama a atenção nas ocupações dos seus familiares? Relacione as profissões familiares com a história e contexto socioeconômico do país. Como quer continuar sua árvore genealógica? Qual a importância dessa atividade para você construir seu projeto de Vida?

Material de apoio: O trabalho pode ser feito em papel comum, cartolina, no computador, etc. Também poderão ser utilizados vídeos, biografias de pessoas conhecidas, recortes e colagens de imagens.

ATIVIDADES REFERENTES AO PRESENTE

1. CÍRCULO DA VIDA (LIMA 2010)

Objetivos:

☞ Contribuir para que o jovem desenvolva uma visão dos valores que julga primordiais, que se conscientize sobre valores relevantes deixados de lado e construa uma visão equilibrada e sustentável sobre as áreas de sua vida. Busca-se promover um diálogo entre os valores do jovem e os do mundo onde vive e reflexões sobre seu estilo de vida, responsabilidade e comprometimento;

☞ Ajudar o jovem a discriminar possíveis desequilíbrios entre as áreas de sua vida e refletir sobre assuntos relevantes como: vida escolar e trabalho, consumo consciente, mídia de massa, representações hegemônicas sobre trabalho e felicidade, reflexões sobre meio ambiente, cidadania, empreendedorismo, saúde financeira, cuidados com o corpo, responsabilidade social, violência, entre outros. Nessa atividade podemos levar o educando a concluir que a sustentabilidade de seu projeto pessoal deve estar atrelada à sustentabilidade do mundo onde vive.

Desenvolvimento da atividade: Num primeiro momento o jovem deve pensar em sua vida e em tudo que considera importante (pausa para reflexão). Em seguida fará uma lista do que pensou. No verso da folha desenhará um círculo, repartindo-o em tantas partes quantos foram os itens listados. Concluída essa tarefa, deverá colorir como quiser e dar um nome a cada parte identificando o que ela representa. Depois do trabalho pronto, o educador deverá mediar uma roda de conversa, onde todos poderão contar sobre a experiência que tiveram.

Essa atividade também pode abranger as dimensões temporais de passado, presente e futuro. Sugere-se que a primeira atividade seja a do presente. Em outro momento, pede-se ao educando que realize a mesma tarefa, porém em relação ao passado (desenho do círculo da vida a partir dos seus valores como criança) e, posteriormente em relação ao futuro (desenho do círculo da vida a partir de seus valores como adulto). Deste modo, pode-se gerar três ou quatro círculos da vida. Ao final, os círculos serão comparados. A partir dos círculos pessoais e dos assuntos citados, o educador provoca a relação com as questões sociais, econômicas e políticas, fazendo com que o jovem reflita sobre como seria o “Círculo da Vida” da sociedade em que vive e pense nas influências dos valores do meio sobre seus valores.

Sugestão de questões para análise / mediação / provocação: O que valorizou em seu círculo? O que isso quer dizer? Acredita que seu círculo está em equilíbrio? O que é sustentabilidade? Acredita que seu círculo da vida é sustentável? Como representaria o círculo da vida de nosso planeta ao longo dos anos? E do país, cidade, comunidade? Qual sua participação no círculo da vida de sua comunidade, amigos, família? Ao analisar os círculos de outros colegas, acredita que tenha deixado de lado alguma área importante de sua vida? Por quê? O que é saúde? O que é saúde financeira? Qual o lugar do dinheiro na sua vida? E do consumo? Comparando os círculos do

passado, presente e futuro, quais semelhanças e diferenças você observa? É importante, também, pontuar as áreas ‘esquecidas’ com a finalidade de conscientizar o jovem de que ele é um todo complexo e o autoconhecimento e autodesenvolvimento passam por esse olhar amplo e integrado.

Material de apoio: O trabalho pode ser feito em papel comum, cartolina, no computador, etc. Também poderão ser utilizados vídeos, biografias de pessoas conhecidas, recortes e colagens de imagens.

2. MINHA BANDEIRA

Objetivos:

- ☞ Ampliar a visão do jovem a respeito dos valores que julga primordiais, bem como melhorar o modo como se relaciona com os valores do mundo onde vive;
- ☞ Promover reflexões sobre sentido e missão de vida no contexto pessoal e também social. Ampliar o autoconhecimento e trabalhar aspectos motivacionais ligados ao projeto de vida.

Desenvolvimento da atividade: Inicialmente o educador deve relembrar ao grupo que a bandeira é um símbolo de uma nação/povo/instituição, etc e representa uma série de aspectos que compõem a identidade e a história dessa nação. Nesta atividade cada educando irá construir sua própria bandeira a partir de seis perguntas feitas pelo educador. A cada pergunta, o jovem irá inserir um elemento na bandeira (signo, cor, etc...) que represente sua resposta.

1. Quais são seus principais valores?
2. Quais são suas forças?
3. O que tem para oferecer para o mundo onde vive?
4. Quais são suas áreas e competências a desenvolver?
5. Qual sua missão de vida?
6. Escolha um lema pessoal e escreva na bandeira. (Lembrando que o lema é uma breve declaração usada para expressar um princípio, meta, ideal ou máxima adotados como guias para condutas).

Após a elaboração da bandeira, cada jovem é convidado a apresentá-la ao grupo e a declarar em voz alta o seu lema.

Sugestão de questões para análise / mediação / provocação: Como se sentiu ao realizar a tarefa? Tem orgulho de sua bandeira? Tem clareza de seus sonhos, objetivos e metas? Suas aspirações são apenas individuais ou também tem sonhos para sua comunidade e seu país? Acredita que pode se desenvolver mais para contribuir pelo crescimento do meio onde vive? Suas atitudes são coerentes com o lema pessoal? Tem utilizado adequadamente suas forças? Tem trabalhado para melhorar e superar suas dificuldades? Acredita que o mundo compreenderia o lema de sua bandeira?

Material de apoio: cartolinas, canetas coloridas, papel crepom colorido, tinta colorida, tesouras e colas.

ATIVIDADES REFERENTES AO FUTURO

PLANO DE AÇÃO

O **PLANO DE AÇÃO** não é imutável, ele deve ser revisto e adequado às necessidades da pessoa interessada e do seu contexto de vida. Durante a construção é importante que as etapas fiquem claras e tenham coerência entre si, para que objetivos sejam possíveis.

Outro aspecto fundamental nesse processo é a análise dos dados de realidade. Analisar a realidade não significa descartar os sonhos, mas considerar o contexto e verificar se as condições são favoráveis ou não às escolhas. Em outras palavras, ninguém está isolado do mundo para tomar decisões, logo, elas precisam ser tomadas considerando o mercado de trabalho, as condições econômicas, a cultura, a sociedade e o conhecimento sobre si mesmo.

O planejamento é fundamental na construção do **PLANO DE AÇÃO**. Planejar é refletir sobre as ações que pretendemos realizar para alcançar nossos objetivos.

Objetivos:

☞ Sensibilizar o jovem sobre a importância do planejamento da vida futura com base no autoconhecimento e na observação da realidade;

☞ Auxiliar o jovem na definição de objetivos e metas para o futuro a partir da análise do mundo, correlacionando esse processo com o autoconhecimento desenvolvido nas atividades referentes ao Passado e ao Presente;

☞ Construir o Plano de Ação (sugestão de tempo de projeção: 5 anos).

Desenvolvimento da atividade: O jovem construirá um Plano de Ação para as áreas Familiar, Educacional, Profissional e Social. Após apresentar a proposta de construção do Plano de Ação, o educador deverá explicar a definição de cada área ao educando, além de sensibilizá-lo para os temas e esclarecer dúvidas. O Plano de cada área será desenvolvido em quatro etapas (Análise de contexto para a definição de objetivos e metas; Definição de objetivos; Estabelecimento das metas; Identificação do Passo a Passo). O educador deverá apresentar a proposta de cada etapa, definindo-a e ressaltando a importância de cada uma delas no processo de tomada de decisões. Em todas as etapas, o educador deverá auxiliar o jovem na busca de elementos para administrar as dificuldades que podem ocorrer e na descoberta de possíveis soluções. Para isso, precisa observar as seguintes orientações:

- * É papel do educador subsidiar o jovem na análise de contexto, fornecendo informações e meios para interpretá-las;
- * O jovem precisa ser induzido pelo educador a perceber que as escolhas precisam ser feitas considerando dois grupos de fatores: os favoráveis e os desfavoráveis;
- * Cada etapa é pré-requisito para outra. Antes de avançar nas etapas, o educador deve orientar o jovem para que faça uma revisão do plano construído até aquele momento;
- * O educador precisa criar contextos para que o jovem reflita sobre as mesmas questões em todas as etapas, para que haja aprofundamento. Para que isso aconteça, as escolhas feitas em uma determinada etapa devem ser revistas e retomadas na etapa seguinte durante todo o processo. Por exemplo, um dado objetivo deve ser retomado no momento do estabelecimento de metas e na definição do passo a passo;
- * Cabe ao educador cuidar para que o jovem tenha clareza no estabelecimento dos objetivos e das metas;
- * O processo de autoconhecimento e de tomada de decisão do jovem deve ser orientado pelo educador por boas perguntas, que provoquem a reflexão.

Sugestão de questões para análise / mediação / provocação:

Área Familiar	<p><i>Está voltada aos relacionamentos com os familiares.</i></p> <p>Pode-se refletir se há investimento nesta área, fazendo perguntas do tipo: Como você tem se relacionado com seus familiares? Como tem resolvido os conflitos com familiares? Como é a família que deseja ter?</p>
Área Educacional	<p><i>Está relacionada ao aprendizado por meio de estudos, pesquisas, cursos, leituras, participação em eventos culturais, entre outros.</i></p> <p>Pode-se refletir se há investimento nesta área fazendo perguntas como: Quantos livros você leu? Fez recentemente algum curso relacionado a qualquer área de sua vida? Deseja fazer cursos técnicos ou de graduação? Tem ido ao teatro, cinema? Quanto tem estudado ultimamente? Tem utilizado a internet para pesquisa?</p>
Área Profissional	<p><i>Está relacionada às ações concretas que atendam o PLANO DE AÇÃO. O foco principal para os jovens é a Inserção no Mercado de Trabalho.</i></p> <p>Pode-se refletir se há investimento nesta área fazendo perguntas como: Você tem investido em sua preparação para a inserção no mercado de trabalho? Tem se informado sobre o comportamento adequado em uma entrevista de emprego? Consegue relacionar os estudos com a área profissional? Tem pensado em como seu primeiro emprego pode contribuir para alcançar seus objetivos a médio e longo prazos? Em quais áreas se identifica e deseja buscar oportunidades? Pensa em empreender seu próprio negócio?</p>
Área Social	<p><i>Está relacionada com o olhar e as ações sobre a escola, o bairro, a comunidade, a sociedade como um todo. Além disso, também trata das relações que são estabelecidas com as pessoas por meio do lazer, do voluntariado, do convívio escolar, etc.</i></p> <p>Pode-se refletir se há investimento nesta área fazendo perguntas como: O que você tem feito para viver num bairro melhor? Tem contribuído para que a sociedade seja mais justa? O que você acha que está errado no seu bairro, na sua cidade, no seu país? Tem doado seu tempo em trabalhos sociais? O que tem feito para ajudar o próximo? Como tem se relacionado com seus amigos? E os amigos da internet? Como tem resolvido os conflitos com amigos? E com as pessoas da escola? Que amigos deseja ter?</p>

Material de apoio: Revistas, Jornais, Pesquisa na internet, etc.

Modelo de estrutura de Plano de Ação:

Objetivo	Metas	Passo a Passo	Dificuldades que podem Ocorrer	Possíveis Soluções
	Curto Prazo Médio Prazo Longo Prazo			

PARTE IV

Expectativas e demandas do mundo do trabalho na construção do projeto de vida

Ivete Burri⁴

O desemprego, o subemprego e as dificuldades de inserção profissional desprezam o talento de milhões de jovens no mundo.”

(Organização Internacional do Trabalho – OIT)

Com o objetivo de ressaltar a importância da análise de contexto na construção do Projeto de Vida, faremos algumas considerações sobre as expectativas que o mundo do trabalho tem em relação aos jovens que ingressam neste universo.

Acredito que a mais importante constatação do momento atual (fim do século XX e início o XXI) é que a globalização está definitivamente enraizada em todos os setores da economia. A nova divisão internacional do trabalho e da produção coloca novas formas e novos significados para o trabalho.

Se antigamente as empresas se estabeleciam em locais definidos e com características conhecidas, hoje a “fábrica” se espalha pelo mundo em contextos absolutamente diferentes e desiguais.

A tecnologia cada vez mais avançada permite a elaboração e a execução de projetos em diversos locais (países inclusive), com distintas expertises e com custos mais favoráveis ao produtor e ao consumidor.

Entretanto, a ideia de “fábricas” vazias é um grande equívoco. A intervenção humana está longe de desaparecer. Ao contrário, ela nunca foi tão importante. A partir de agora as funções humanas passam a ser muito mais sofisticadas e abstratas. Isto requer a acumulação de conhecimentos, tanto teóricos quanto práticos, em uma escala muito maior. Daí a preferência dos mercados de hoje por trabalhadores mais velhos e mais experientes.

Essa nova realidade se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados e dos padrões de consumo das pessoas, em diferentes épocas e lugares. O jovem de hoje deve estar preparado para novas abordagens de trabalho, novas tecnologias, novos ambientes e novas culturas. Pode-se dizer, então, que o estudo de uma língua estrangeira já se tornou um requisito mínimo neste mundo, além das aprendizagens da convivência, como saber interagir, considerar outros saberes, respeitar as diversidades decidir e produzir coletivamente:

⁴ Psicóloga e especialista em Orientação Profissional.

“Na opinião do economista Gary Becker, uma das características da atual fase é a crescente importância que vem sendo atribuída às ideias, hoje mais valorizadas do que os ativos físicos. Neste sentido, o diferencial de uma empresa não é mais o seu avanço tecnológico - rapidamente copiado pela concorrência - mas a qualidade dos serviços oferecidos. E o sucesso das pessoas que prestam os serviços, cada vez mais, depende da Educação” (SENAC, 2004:11)

A exigência do mercado por trabalhadores mais qualificados, aliada à escassez de emprego formal, vem acarretando mudanças significativas no mercado de trabalho, tais como:

- Perfil etário do trabalhador mais avançado. Aqui também atuam as leis trabalhistas que protegem o trabalho infantil, mas também impedem o ingresso no mercado de pessoas mais jovens e menos habilitadas;
- Aumento da demanda por trabalhadores no setor terciário, mais especificamente no setor de serviços;
- Aumento no grau de informalidade do mercado de trabalho, passando a negociação de empregos e salários diretamente para empregados e empregadores, diminuindo a intervenção dos sindicatos;
- Valorização em maior grau do desenvolvimento de competências suportadas pelo aprendizado formal;
- Capacidade de adaptação cada vez mais rápida e eficiente, tanto de empresas como de trabalhadores. As mudanças constituem hoje a rotina do trabalho.

Queremos que nossos jovens compreendam o trabalho como “criação” e, nesta perspectiva, como uma atividade humana que busca a satisfação de necessidades, suas e da coletividade. É pelo trabalho que os homens transformam a natureza, constroem instrumentos, elaboram novas ideias e se transformam na perspectiva da construção do seu projeto de vida.

O jovem deve sentir que quando trabalha coloca em atividade suas forças espirituais, intelectuais e corporais, com o objetivo de criar, transformar ou construir algo que promova a melhoria da qualidade da sua vida e de outros seres humanos. É essa concepção que queremos compartilhar com nossos jovens.

PARTE V

Galeria de fotos: atividades realizadas com os jovens

Como o intuito de contextualizar o trabalho desenvolvido pela Ação Comunitária em parceria com organizações sociais, seguem fotos de algumas atividades realizadas pelos jovens:



1. Jovens em atividade de
Imaginação Sociológica



2. Jovens em atividade de
Orientação Profissional



3. Jovens em atividade de Educomunicação



4. Jovens em atividade de Educomunicação



5. Jovens em atividade de Educomunicação



6. Jovens em atividade de Orientação Profissional



7. Jovens em atividade de Imaginação Sociológica



8. Revista produzida pelos jovens durante o processo de formação



9. Jovens em atividade de Cartografia



10. Educadores em formação na Ação Comunitária



11. Educadores em formação na Ação Comunitária



12. Educadores em formação na
Ação Comunitária



13. Educadores em formação na
Ação Comunitária



14. Jovens em atividade de Cartografia



15. Exposição dos portfólios do
Projeto de Vida



16. Exposição dos portfólios do Projeto de Vida



17. Familiares dos jovens na exposição dos Projetos de Vida



18. Familiares dos jovens na exposição dos Projetos de Vida



19. Exposição dos portfólios do Projeto de Vida



20. Jovens em atividade de Imaginação Sociológica



21. Jovens em atividade de Orientação Profissional



22. Jovens em atividade de Orientação Profissional



23. Jovens em atividade de Cartografia

Sobre os Autores

Alexandre Isaac, cientista social formado pela Universidade de São Paulo, pesquisador e líder de projetos do Centro de Estudos em Educação, Cultura e Ação Comunitária CENPEC desde 1999. Atuou na área da infância e juventude em projetos com meninos e meninas em situação de rua e como diretor de unidades de internação para meninas infratoras. Foi presidente do CMDCA de Guarulhos e supervisor pedagógico do Espaço Criança Esperança em São Paulo. No Cenpec atua em projetos de juventude, cultura e especialmente de Educação Integral. É autor e co-autor de diferentes publicações de educação pelo Cenpec e outras instituições. Realiza consultorias para a implementação de políticas de educação integral nos municípios brasileiros.

Cláudia Barone, cientista social formada pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo, com Licenciatura Plena em Sociologia pela Faculdade de Educação (FEUSP). Atua no 3º Setor desde 2000 em projetos socioeducacionais com foco na juventude. Apresenta experiência com formação de educadores sociais e com grupos articuladores de jovens para fomentar o debate sobre questões coletivas em comunidades de vulnerabilidade social. Atualmente atua como coordenadora do Programa Preparação para o Trabalho da Ação Comunitária

Daniela Provedel, psicóloga, mestre em psicologia clínica e especialista em Orientação Profissional pela Universidade de São Paulo. Membro da Associação Brasileira de Orientação Profissional. Docente convidada pela USP (Instituto de Física) em Psicologia e Didática do Ensino Superior e docente da Uniban na graduação e pós-graduação (coordenadora da cadeira de Orientação Profissional). Pesquisadora do Núcleo de Orientação Profissional do Instituto de Psicologia da USP, onde desenvolve estudos sobre o perfil do estudante universitário, evasão escolar, identidade profissional e educação. Desenvolve consultoria e trabalhos relacionados à Educação e Orientação Profissional no consultório, ONG's e escolas.

Humberto Dantas, cientista social com doutorado em ciência política pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo. Professor de sociologia e política do Insper, onde também é pesquisador. Coordenador de cursos de pós-graduação na FIPE-USP e na FESP-SP. Comentarista político da Rádio Estadão e da Rede Vida de TV. Nos últimos dez anos coordenou ou lecionou em 250 cursos livres de política.



AÇÃO COMUNITÁRIA

PREPARANDO PESSOAS PARA A VIDA



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-06991-01-7



9 788566 991017